

Vol. 11
Num. 15

(Continua na pág. 234)

Algumas poesias de Antero de Quental

OS CATIVOS

Encostados às grades da prisão,
Olham o céu os pálidos cativos,
Já com raios oblíquos, fugitivos,
Despede o sol um último clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosas,
Cai do espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das coisas, lentamente.

E os cativos suspiram, Bandos de aves
Passam velozes, passam apressados,
Como absorção em intimo cuidado,
Como absorção em pensamentos graves.

E dizem os cativos: Na amplitude
Jamais se extingue a eterna claridade...
A ave tem o voo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão!

Arde ideia? qual é vossa jornada?
A luz? a aurora? a imensidade? onde?
— Porém o vento puxa e mal responde:
A noite, a escuridão, ao abismo, ao nada! —

E os cativos suspiram, Surge o vento,
Surge e perpassa esquivo e inquieto,
Como quem traz algum pesar secreto,
Como quem sofre e cula algum tormento...

E dizem os cativos: Que tristezas,
Que segredos antigos, que desditas,
Caminheiro de estradas infinitas,
Te levam a rememorar as vezes?

Tu que procuras? que risas sagradas
Te acena da solidão onde se esconde?
Porém o vento passa e não responde:
A noite, a escuridão, o abismo, o nada! —

E os cativos suspiram novamente,
Como antigos pesares mal extintos...
Como vago desejo indistinto,
Surtem do escuro os astros, lentamente.

E fitam-se, em silêncio indecifrável,
Contemplam-se de longe, misteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolável...

E dizem os cativos: Que problemas
Eternos, primitivos vos atraem?
Que luz fútil no centro donde saem
A flux, em jarro, as intuições supremas?

Por que esperas? nes a amplitude sagrada
Que soluções espiadas se escondem?
— Porém os astros tristes só respondem:
A noite, a escuridão, o abismo, o nada! —

Assim a noite passa, Rumoresos
Suspiram os pinhos mediativos,
Encostados às grades, os cativos
Olham o céu e choram silêncio ao

OS VENCIDOS

Três cavaleiros seguem lentamente
Por uma estrada erna e pedregosa,
Geme o vento na selva rumorosa,
Cai a noite do céu, pesadamente.

Vacilam-lhes nas mãos as armas rotas,
Tem o corcel pontos e abatidos,
Em desalinho trazem os vestidos,
Das feridas lhes cai o sangue, em gotas.

A derrota, traiçoeira e pavorosa,
As frentes lhes curvou, como potente,
No horizonte escuro do pente,
Destaca-se uma mancha sanguinolenta

E o primeiro dos três, erguendo os braços,
Diz num soluço: "Amor e fui amado!
Levou-me uma visão, arrebatado,
Como em carro de luz, pelos espaços!

Com largo voo, penetrei na esfera
Onde vivem as almas que se adoram,
Livre, contente e bom, como os que moram
Entre os astros, na eterna primavera.

Porque irrompe no azul do puro amor
O sopro do desejo pestilente?
Al do que um dia recebi de frente
O seu hálito rude e queimador!

A flor rubra e olorosa da paixão
Abre lânguida ao raiar matutino,
Mas seu profundo calix purpúreo
Se reguma veneno e podridão.

Irmãos, amei — amei e fui amado...
Por isso vago incerto e fugitivo,
E corre lentamente um sangue esquivo
Em gotas, de meu peito alanceado."

Responde-lhe o segundo cavaleiro,
Com sorriso de trágica amargura:
"Amor os homens e sonhei ventura,
Pela justiça heroica, ao mundo inteiro.

Pelo direito, ergui a voz ardente
No meio das revoltas homicidas;
Caminhando entre ruínas oprimidas,
Fi-las surgir, como um clarim fremente.

Quando há de vir o dia da justiça?
Quando há de vir o dia do resgate?
Traiu-me o gládio em meio do combate
E semeou na areia movediça!

As nações, com sorriso bestial,
Abrem, sem ler, o livro do futuro.
O povo dorme em paz no seu monturo,
Como em leito de púrpura real.

Irmãos, amei os homens e contente
Por eles combati, com mente justa...
Por isso morro à mingua e a areia adusta
Bebe agora meu sangue, ingloriamente."

Diz então o terceiro cavaleiro,
"Amor a Deus e em Deus pôs alma e tudo
Fiz do seu nome fortaleza e escudo
No combate do mundo traqueiro.

Invoquei-o nas horas afrontivas
Em que o mal e o pecado dão assalto,
Procurei-o, com ânsia e sobressalto,
Sondando mil ciências quidivas.

Que vento de ruína bate os muros
Do templo eterno, o templo sacrossanto?
Rolam, desabam, com fragor e espanto,
Os astros pelo céu, frios e escuros!

Vacila o sol e os santos desesperam...
Tedio recuma a luz dos dias vãos...
Ai dos que juntam rum fervor às mãos!
Ai dos que creem! ai dos que ainda esperam!

Irmãos, amei a Deus, com fé profunda...
Por isso vago sem conforto e incerto,
Arrastando entre as urzes do deserto
Um corpo exangue e uma alma moribunda."

E os três, unindo a voz num ai supremo,
E deixando pender as mãos cansadas
Sobre as armas inúteis e quebradas,
Num gesto inerte de abandono extremo,

Sumiram-se na sombra dovidosa
Da montanha calada e formidável,
Sumiram-se na selva impenetrável,
E no palor da noite silenciosa.

ENTRE SOMBRAS

Vem às vezes sentar-se no pé de mim
— A noite desce, destollando as rosas —
Vem ler comigo, às horas duvidosas,
Uma visão, com asas de setim...

Pousa de leve a delicada mão
— Rescende num a noite sossegada —
Pousa a mão compassiva e perfumada
Sobre o meu dolorido coração...

E diz-me essa visão compadecida
— Há suspiros no espaço vaporoso? —
Diz-me: Por que é que choras silencioso?
Por que é que és erna e triste a tua vida?

Vem comigo! Embalado nos meus braços
— Na noite funda há um silêncio santo —
Num sonho feito só de luz e encanto
Transporás a dormir esses espaços...

Porque eu habito a região distante
— A noite exala uma doçura infanda —
Onde ainda se vê e se ama ainda,
Onde uma aurora igual brilha constante.

Habito ali, e tu viras comigo
— Palpita a noite num clarão que ofusca —
Porque eu venho de longe, em tua busca,
Trazer-te paz e alívio, pobre amigo...

Assim me fala essa visão noturna
— No vago espaço há vozes dolorosas —
São as suas palavras carinhosas
Água correndo em cristalina urna...

Mas eu escuto-a imóvel, sonolento
— A noite verte um desconsolo imenso —
Sinto nos membros como um chumbo denso,
E mudo e tenebroso o pensamento...

Pito-a, num pismo doloroso absorção
— A noite é erna como campo enorme —
Pito-a com os olhos turvos de quem dorme
E respondo: Bem sabes que estou morto!

A FADA NEGRA

Uma velha de olhar agudo e frio,
De olhos sem cor, de lábios glaciais,
Tomou-me nos seus braços sepulcrais,
Tomou-me sobre o seio erno e vasto,

E beijou-me em silêncio, longamente,
Longamente me suspiro a face fria...
Oh! como a minha alma se estorcia
Sob os seus beijos, dolorosamente!

Onde os lábios pou-ou, a carne logo
Mirrou-se e encanecceu-se-me o cabelo,
Meus ossos contraheram-se, O gelo
Do seu bafio secava mais que o fogo.

Com seu olhar sem cor, que me fitava,
A fada negra me qualhou o sangue,
Dentro em meu coração inerte e exangue
Um silêncio de morte se engolfava.

E voltava em redor olhos absortos,
O mundo parecia-me uma visão,
Um grande mar de nevoa, de ilusão,
E a luz do sol como um luar de mortos...

Como o espectro dum mundo já defunto,
Um farrapo de mundo, novento,
Ruína aérea que saude o vento,
Sem cor, sem consistência, sem conjunto...

E quanto adora quem adora o mundo,
Brilho e ventura, esperar, sorrir,
Eu vi tudo oscilar, pender, cair,
Inerte e já da cor dum maribundo

Dentro em meu coração, nesse momento,
Fiz-se um buraco enorme — e nesse abismo
Senti rair não sei que cataclismo,
Como um universal desabamento...

Razão! velha de olhar agudo e cru
E de hálito mortal mais do que a peste!
Pelo beijo de gelo que me deste,
Fada negra, bendita sejas tu!

Bendita sejas tu pela agonia
E o luto funeral daquela hora
Em que eu vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a luz do dia!

Pelo pranto e as torturas benfazejas
Do desengano... pela paz austera
Dum morto coração, que nada espera,
Nem deseja também... bendita sejas!

Antero de Quental, tradutor

Do Inglês de Edgar Poe

Não sei se erá teu seio ilha encantada...
Paraíso de canto,
De perfume, danor e formosura...
Se um templo à beira-mar, um templo santo,
De luz e aroma cheiro!
Não sei... Pois sabe alguém sua ventura?
Mas dormia embalsada no teu pelo
Minha alma sossegada.

Um suspiro... uma prece...
Leva-os o vento pela noite escura!
Sonho!... Um sonho que se esquece!
Mas não se esquece o sonho da Ventura!
Que fantasia nos brada, — avante! avante!
Esquecer! esquecer! — ?
O coração não quer!
Não quer... não pode... luta vacilante!
Onde teve seu ninho e seu amor,
Al há de ficar, sombrio, incerto...
Há de ficar, parir no teu deserto,
Ave eterna da dor!

— Nunca mais nunca mais!
Que diz a onda à praia? há um destino
Triste, partido, em seu gemer divino,
E um mistério infeliz naqueles aís!
— Nunca mais! nunca mais!
E o coração que diz às mortais flores
Do seu jardim danorosa?
Como a onda — jamais!
Se eu pudesse sonhar? Ah! posso ainda
Sonhar... se for contigo!
Sempre! sempre a meu lado, inálgida lida...
A noite é longa... vem falar comigo!
Estende os teus cabelos...
O céu da tua Itália, não, não brilha
Como brilham meus sonhos, vagos, belos,
Se me falas à noite em sonho, filha!

Levaram-te! Levaram-te a onda dos mares!
Aza da água! o vento!
Geme cativa — chora sem alento,
Pomba danor, sandosa dos teus lares!
Teu ninho agora é triste, glacial...
Um leito conjugal!
Antes a terra escura, pobre escrava,
Aonde — sob a abóbada sombria —
Tua alma os voos livres estendia...
E o coração amava!



TEORIA DA SANTIDADE - Antero de Quental

UM RETRATO DE ANTERO DE QUENTAL

A ação e a idéia pura

Antero de Quental



Antero de Quental (retrato)

O universo aspira com efeito à liberdade, mas só no espírito humano se realiza. É por isso que a história é especialmente o teatro da liberdade. Os que vivem na história são simples prolongamentos da natureza, um fenômeno natural, só mais completo, desconhecem intimamente o verdadeiro caráter da evolução. O direito, gerentes supõe, é já a aspiração inconsciente do animal; mas só as sociedades humanas preside efetivamente o direito. Esta linha de demarcação está dizendo que com a humanidade se entra num mundo novo. A razão, dando um passo decisivo, deixou cair de vez a máscara da fatalidade. Borneando e profundamente solitária no mundo inorgânico, meio acordada já, mas só instintiva no mundo orgânico, e nos seres conscientes, é na sociedade humana que a razão encontra o seu órgão. O progresso da humanidade é pois essencialmente um fato de ordem moral: a obra tão maravilhosamente começada pelo inorgânico só pela consciência podia ser levada a cabo. Tendo o seu ponto de partida na pura animalidade, na esfera da paixão e do instinto, a humanidade substitui gradualmente, à medida que se revela a si mesma na sua natureza e no seu fim, aquelas impulsões originárias, energias espirituais, elementos cada vez mais ricos e puros, desentranhados dessa esfera rústica em que foi penetrado, o direito, intérprete da razão na sociedade, é a lei desse mundo novo que surge. O progresso pressupõe o ato constante daquelas energias: sem o esforço sempre renovado do pensamento para a razão, da vontade para a justiça, da todo o ser social para o ideal e a liberdade, o caminho andando esboçado debaixo dos pés e a animalidade torna outra vez posse do terreno onde o espírito, não merecendo, não soube manter-se. Enganam-se pois singularmente os que saltam no progresso como que mecânico, caminhando por si e beneficiando os homens independentemente da energia moral deles: por outras palavras, um progresso realizado fora do espírito e sem a sua intervenção. Enganam-se, porque a evolução do progresso está justamente nessa intervenção, cada vez mais larga e intensa do espírito na humanidade. A natureza é o teatro da história, não o seu agente. As leis da história têm a sua última razão na consciência. A criação da ordem racional e o alargamento indefinido do domínio da justiça, tal é a definição do progresso. Falta da liberdade, ele consiste intimamente num desdobramento incessante da energia moral, numa reação contínua da vontade sob o estímulo do ideal, e é por isso que a virtude é a verdadeira medida do progresso das sociedades.

Mas a ordem criada pelo direito, ampla e harmônica como é e com toda a soma de moralidade e liberdade que já em si contém, é ainda assim só formal. Não é esse ainda o fim último, mas apenas condição para a realização dele. Na consciência individual é que este se realiza, nela só tem o seu desfecho o drama divino do universo. Nela e por ela se conhece a força universal na sua pura essência, nela e por ela consegue a perfeita identificação consigo mesmo: despojado-se das formas que sucessivamente revestira na sua longa ascensão, formas limitadas, relativas e nunca isentas, aliadas nos degraus superiores da evolução, ainda na própria ordem social e jurídica, do cunho de fatalidade, "e agora verdadeiramente", porque só agora é puramente espírito. No mundo da consciência dissolvem-se todas as leis naturais e sociais na única lei moral. A lei moral, criada pelo espírito para si mesmo, ou melhor, ex-

pressão da unidade final realizada pelo espírito em si mesmo, da inteira concentração da vontade com o seu ideal, é lei perfeita de liberdade, porque o próprio dever, à medida que a sua idéia se aproxima, perde gradualmente o rígido caráter de obrigação, que lhe dava não sei que longas de fatalidade, e transforma-se em atração pura, puro amor. A autonomia da vontade, só virtual até este momento, é agora real e completa: determinação, motivo e condicionalidade confundem-se com o seu próprio ser. Só agora é plenamente causa, porque si agora é plenamente fim de si mesmo. Esta perfeita identificação do "eu" com a sua essência absoluta, por onde a sua primitiva espontaneidade se desfaz finalmente como liberdade, é que é a essência do bem. O bem é o momento final e mais íntimo da evolução do ser, em que o espírito se liberta da consciência de todas as limitações, criando em si, de si e para si um mundo completo, transcendente e definitivo. O indivíduo natural subsiste ainda, mas subsiste apenas como o ponto em que se dá este processo espiritual. O "eu" limitado, refulgente, se assim se pode dizer, para o seu centro verdadeiro, dissolve-se naquella coisa de absoluto, já não individualizado mas ainda ligado ao indivíduo: transição do ser para o não-ser, que equivale, quanto cabe na realidade, à plenitude e perfeição do ser. É o que, na linguagem (que para nós não pode ser senão simbólica) do misticismo, se chama a união da alma com Deus: nós diríamos simplesmente que é a união do "eu" com o seu tipo de perfeição, ou, talvez com maior simplicidade ainda, a realização na consciência do seu momento último e mais verdadeiro.

É por isso que só as obras do bem são verdadeiras na sua totalidade: em tudo mais há sempre uma parte melhor ou menor de limitação, de necessidade, de erro, e para tudo dizer numa palavra, de não existência. Só que, dissolvendo a própria vontade na vontade absoluta e identificando-se com ela, renuncia ao "eu" limitado e a tudo quanto é dele — o seu egoísmo, as suas paixões, o seu erro profundo e a sua terrível miséria — só esse alcança a vida eterna. — Confinado com o que sempre permanece, com o que é em si e por si, entrou no limitado, no inalterável, e subsiste com ele eternamente. Esta renúncia, verdadeira incerteza, é por isso mesmo a fonte de toda a virtude. O justo, na sua união com o ser perfeito, só vê no indivíduo limitado, que é segundo a natureza, um resto de escravidão, de particularismo, de erro, que o impede, até onde subsiste, de realizar plenamente aquela união: é renunciando a ela que torna essa união efetiva, dando mais constante, mais completa por a renúncia. A renúncia a todo o egoísmo é para ele o caminho direito que o leva à liberdade, é perfeito, o beatitude. Como não há de então o justo dar-se aos outros, dar-se a todos os seres, se com cada ato de dedicação conquista e firma a própria beatitude? Libertando-os, liberta-se: aperfeiçoando-os, aperfeiçoou-se; beatificando-os, beatifica-se.

Para conseguir o próprio bem, tem de se fazer como que o instrumento do bem universal. E não verdadeiramente para conseguir o próprio bem: porque, despojado de personalidade e egoísmo, morto para o eu individual, o bem alivia-o em si ou fora de si, indiferentemente, e tende a realizá-lo seja onde for, seja sob que forma for, simplesmente porque é o bem. A sua existência agora já não é de uma individualidade par-

O "eliché", de Antero de Quental, que ilustra a nossa primeira página de hoje, é o do famoso retrato do grande poeta feito por Columbano Pinheiro, em nosso suplemento anterior. Para esse retrato publicado, com a legenda "O último retrato de Antero de Quental". O leitor encontrará, em uma das páginas deste número de "A Manhã e Livros", o "eliché" a que se prende essa última legenda.

Que é o soneto

Antero de Quental

Que há no soneto? Uma unidade perfeita: desenha-se cada idéia parcial de per si, mas não tão independentemente das outras que não haja entre elas relação, até que afinal, juntando tudo num só, se apresenta por todos os lados simultaneamente, como em resumo, o fecho — chave de ouro.

Dai, unidade, E simplicidade? Toda as partes conservam estreito laço entre si: é só um sentimento, só uma idéia: não são várias, mas vários lados: a unidade final funde-se num todo.

Resumindo: O sentimento desenha-se de perfil, aos poucos gradualmente.

A forma acompanha essa evolução: segue-a em cada manifestação parcial.

(A JOÃO DE DEUS, — Prosa, 1.ª v.)

ticular, circunscrita no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, pela raça, pela nação, pelo período histórico, pela educação, por mil circunstâncias fortuitas: não é como que a existência dum princípio universal, impresso, absoluto, atuando indistintamente num ponto do espaço, e a sua obra, a virtude, não é também uma obra particular e transitoria, mas universal e absoluta. A virtude, liberdade suprema, é por isso a realidade por excelência, a única realidade plena. Tudo mais são pagas, incertas aproximações do ideal, pálidas imagens, grosseiros símbolos do ser verdadeiro. A consciência do justo é o único templo do único Deus: e, nesse templo, a renúncia ao egoísmo, é o único culto. Cessasse na só instante esse culto, esse holocausto do egoísmo aos aras do ideal, e imediatamente toda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-ia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ela encabe de impetidez: a coragem dos heróis, de constância a vontade dos justos, de união a alma dos santos. Ela dá aos simples a fealdade e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alardes: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ela é a inspiradora secreta da grande arte, como do grande pensamento. Essa poeira justa, que consegue penetrar neste mundo de iluz, cegueira e egoísmo, vem toda dali, porque só ali tem a sua raiz profunda, Superior ao destino, vencedora da fatalidade de mais profunda do que toda a ciência e toda a especulação, só ela torna patente o íntimo sentido das coisas e é em si mesma, a única verdade evidente o único saber sem dúvidas nem obscuridades. Ela vence a morte, porque faz compreender a significação do fim final e apreciar quanto ele vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoísmo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim último do universo, concluímos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do ser termina na libertação final pelo bem.

(Das Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX.)

A mim não me repugna a ação, pelo contrário, creio até que é o que está no fundo do meu temperamento, mas ação muito outra, e tal que hoje não tem lugar, nem ocasião para se exercer. No século XVI teria sido homem de ação, ou com os homens de espada ou com os da cruz; noutros séculos também, noutros modos. Mas hoje, sinto-me como fora do meu meio natural, e a minha reticção é ao mesmo tempo injustiça e reflexão. A verdade é que, para o que há a fazer e se pode fazer na sociedade atual sou de uma absoluta inhabilitação, um verdadeiro incapaz. Se alguma influência posso exercer sobre os homens, é só de longe e pela idéia pura.

ANTERO DE QUENTAL NA APRECIACÃO DE CAMILO CASTELO BRANCO

As suas Odes Modernas causaram estranheza quando apareceram como um terremoto na pelha cidade dos líricos. Não se entendiam. Saíram-lhe do Brasil umas glosas selvagens a plear-se com o título A Águia no ovo. A urbs dos raios de ouro aplaudiu a chacota, e foi ao Parnaso oscular, em congratulações de jubilosas lágrimas, o Pégaso. Eu não fui nem ri das extemporâneas chufas. O que fiz foi pedir a Antero de Quental que respeitasse os mestres, e não se corrompesse das rosas da juventude com irrisão às cans de um grande poeta, que adormecera sonhando com a Roma de Ovídio e a Grécia de Anacreonte.

As Odes de Antero de Quental não a aurora da poesia moderna. Os imitadores não tem podido estraga-las. O seu arvorecer formoso; depois aubou-se o céu; a ventania torção os ramos onde as aves tinham cantado o repouso da manhã: caiu chuva grossa, que fez muita lama. Não impedia a beleza do amanhecer não esqueceu. As Odes de Antero de Quental ficaram emperradas dos olhos da estrela d'alva; e as indicações para os se espapam nos mares que fizeram.

Canção de Alcega

O AVÓ DE ANTERO DE QUENTAL (1808)

André da Ponte de Quental da Câmara foi companheiro de cárcere de Bocage. Está dito tudo: boémia, estardio, pândego.

Era, então, cadete do primeiro regimento da Armada. Poeta e homem de letras, foi, nas cortes que se seguiram à revolução de 20, deputado pela ilha de St. Miguel.

Morrendo prepotente, faleceu provavelmente na ignorância do bon vontade que lhe tinha a senhora Gertrudes Porfíria da Conceição.

Eis a denúncia contra ele: "Em 17 de maio de 1808, apresentou-se na Mesa do Santo Ofício uma denuncia de Gertrudes Porfíria da Conceição, moradora na Calçada do Sacramento n. 22. 4.ª andar, em que dizia que estando a mesa haver cinco meses, em casa de José Maria Marques, morador na Chiado, nas casas da Irmandade do Sacramento, falando-se de vários males que padeciam e dizendo que Nossa Senhora nos acudisse, disse André da Ponte, oficial do regimento do verde.

"Ora a que vem cá Nossa Senhora, ou a que é cá Nossa Senhora, eu tinha uns poucos de Santos em casa, mas já quebrei toda essa brejeirada" — o que a todos custou ouvir.

Assinada pela própria, e escrita e assinada pelo seu confessor, Fr. Domingos Morcira, lente substituto de Filosofia".

Não estivesse a Inquisição em decadência, que a André da Ponte seria bem aplicável aquela linda quadra do seu inspirado neto:

Encostados às grades da prisão Olham o céu os páldios calvos. Já com ratos obliquos, fugitivos, Despede o céu um último claror.

ANTÔNIO BAIJO

(Da Academia das Ciências de Lisboa) ("A Águia" — Outubro a dezembro de 1920).

A Alma de Antero de Quental

(Continuação da pag. 231)

gentes da saudade, as vezes mais dolorosas da solidão, as horas do desesper com a perda dos gritos do homem errante, as ais de orfandade faminta... tudo, tudo, quanto na vida pode haver de doloroso, de miséria até a proleção, desde o entorpecimento até ao arastado pela insubordinação de o cardo que dancera no pé do punhal que randa a evração: tudo isso é memória, do que a agonia de um poeta não passar diante de si, em toda-lhe medonho, as noites soltas do mundo. Todas as coisas têm o seu que de angústia, e por isso há de haver uma espécie de honra, que se tem: são os circoos, que se perderam os nervos da continuidade, os anestesiados do sentimento.

Quando se é poeta como Antero de Quental, a imbecilidade encardida entre os corpos e hupras que os greos arrastam as vibrações da brisa nos ramos das árvores. Nenhuma coisa lhe feria as cordas, e todavia tocavam! Nenhuma coisa lhe agredia do mundo feriu a alma da vida do poeta; e todavia tocava a harpa geme e chora, e agrida, porque pelos seus dedos passa o vento agredido das idéias, passa o eco vibrante do egoísmo dos homens, palpando como os úteros de uma mulher de mãos famintas.

Trabalho do poeta, a 23-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100-101-102-103-104-105-106-107-108-109-110-111-112-113-114-115-116-117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000-1001-1002-1003-1004-1005-1006-1007-1008-1009-1010-1011-1012-1013-1014-1015-1016-1017-1018-1019-1020-1021-1022-1023-1024-1025-1026-1027-1028-1029-1030-1031-1032-1033-1034-1035-1036-1037-1038-1039-1040-1041-1042-1043-1044-1045-1046-1047-1048-1049-1050-1051-1052-1053-1054-1055-1056-1057-1058-1059-1060-1061-1062-1063-1064-1065-1066-1067-1068-1069-1070-1071-1072-1073-1074-1075-1076-1077-1078-1079-1080-1081-1082-1083-1084-1085-1086-1087-1088-1089-1090-1091-1092-1093-1094-1095-1096-1097-1098-1099-1100-1101-1102-1103-1104-1105-1106-1107-1108-1109-1110-1111-1112-1113-1114-1115-1116-1117-1118-1119-1120-1121-1122-1123-1124-1125-1126-1127-1128-1129-1130-1131-1132-1133-1134-1135-1136-1137-1138-1139-1140-1141-1142-1143-1144-1145-1146-1147-1148-1149-1150-1151-1152-1153-1154-1155-1156-1157-1158-1159-1160-1161-1162-1163-1164-1165-1166-1167-1168-1169-1170-1171-1172-1173-1174-1175-1176-1177-1178-1179-1180-1181-1182-1183-1184-1185-1186-1187-1188-1189-1190-1191-1192-1193-1194-1195-1196-1197-1198-1199-1200-1201-1202-1203-1204-1205-1206-1207-1208-1209-1210-1211-1212-1213-1214-1215-1216-1217-1218-1219-1220-1221-1222-1223-1224-1225-1226-1227-1228-1229-1230-1231-1232-1233-1234-1235-1236-1237-1238-1239-1240-1241-1242-1243-1244-1245-1246-1247-1248-1249-1250-1251-1252-1253-1254-1255-1256-1257-1258-1259-1260-1261-1262-1263-1264-1265-1266-1267-1268-1269-1270-1271-1272-1273-1274-1275-1276-1277-1278-1279-1280-1281-1282-1283-1284-1285-1286-1287-1288-1289-1290-1291-1292-1293-1294-1295-1296-1297-1298-1299-1300-1301-1302-1303-1304-1305-1306-1307-1308-1309-1310-1311-1312-1313-1314-1315-1316-1317-1318-1319-1320-1321-1322-1323-1324-1325-1326-1327-1328-1329-1330-1331-1332-1333-1334-1335-1336-1337-1338-1339-1340-1341-1342-1343-1344-1345-1346-1347-1348-1349-1350-1351-1352-1353-1354-1355-1356-1357-1358-1359-1360-1361-1362-1363-1364-1365-1366-1367-1368-1369-1370-1371-1372-1373-1374-1375-1376-1377-1378-1379-1380-1381-1382-1383-1384-1385-1386-1387-1388-1389-1390-1391-1392-1393-1394-1395-1396-1397-1398-1399-1400-1401-1402-1403-1404-1405-1406-1407-1408-1409-1410-1411-1412-1413-1414-1415-1416-1417-1418-1419-1420-1421-1422-1423-1424-1425-1426-1427-1428-1429-1430-1431-1432-1433-1434-1435-1436-1437-1438-1439-1440-1441-1442-1443-1444-1445-1446-1447-1448-1449-1450-1451-1452-1453-1454-1455-1456-1457-1458-1459-1460-1461-1462-1463-1464-1465-1466-1467-1468-1469-1470-1471-1472-1473-1474-1475-1476-1477-1478-1479-1480-1481-1482-1483-1484-1485-1486-1487-1488-1489-1490-1491-1492-1493-1494-1495-1496-1497-1498-1499-1500-1501-1502-1503-1504-1505-1506-1507-1508-1509-1510-1511-1512-1513-1514-1515-1516-1517-1518-1519-1520-1521-1522-1523-1524-1525-1526-1527-1528-1529-1530-1531-1532-1533-1534-1535-1536-1537-1538-1539-1540-1541-1542-1543-1544-1545-1546-1547-1548-1549-1550-1551-1552-1553-1554-1555-1556-1557-1558-1559-1560-1561-1562-1563-1564-1565-1566-1567-1568-1569-1570-1571-1572-1573-1574-1575-1576-1577-1578-1579-1580-1581-1582-1583-1584-1585-1586-1587-1588-1589-1590-1591-1592-1593-1594-1595-1596-1597-1598-1599-1600-1601-1602-1603-1604-1605-1606-1607-1608-1609-1610-1611-1612-1613-1614-1615-1616-1617-1618-1619-1620-1621-1622-1623-1624-1625-1626-1627-1628-1629-1630-1631-1632-1633-1634-1635-1636-1637-1638-1639-1640-1641-1642-1643-1644-1



AMOR ALEGRE DOIS ARTIGOS SOBRE

ANTERO DE QUINTAL

Antero de Quintal - JOSÉ LINS DO REGO

Deixemo-nos de nentas — enterremos
As antigas paizões!
E' d'ar puro e de luz que nós vivemos...
E' nossos corações,
De luminoso amor, d'amar contente,
D'isso querem viver eternamente!

Viver de flores, como inseto alado...
E, como ave, de cantos!
Viver de beijos, de prazer sagrado...
Sim, de prazeres santos,
Como homem que embala noite e dia
O jocundo regaço da alegria!

Serena fonte, que nos banha a vida
Em docíssimas águas;
E, através da existência dolorida,
Nos lava as velhas máguas...
A alma parece nova: é limpa e bela,
Brilha em face de Deus, como uma estrela!

Brilha em face do mundo! Resplandece
Como lúcida aurora!
E' o sol da ventura, que alvorece!
Vale e monte coroa
Com mil cores do iris da bonança...
E as mil do iris d'alma — a esperança!

Amor que espera e crê... amor ditoso...
Quer Deus que se ame assim!
Dormir no mundo o sono máximo
De prazeres sem fim...
Passar como um triunfo, em mago enlelo,
Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja
Luz melhor que a do céu...
O que dentro em teu peito murmureja
Tudo, é tudo meu!
Meus são teus ais e minha essa harmonia
A que chamamos amor e eu poesia.

Poesia não são lágrimas... são beijos...
E abraços também...
Paizões não são suspiros... são desejos...
Quanto a vida tem!
Compõe com tuas mãos minha poesia
De patido e de beijos e alegria.

Vem comigo na vida! Hei de levar-te
Por caminho de flores...
Cantara para ti, por toda a parte,
Um vineiro d'amores...
Eu sei o que é amor! estes conselhos
Amor f'os dá — deixa falar os velhos!

Deixa, deixa-os dizer, os velhos sábios,
Que só sabem chorar!
Mulher bela, se Deus te pôs nos lábios
Bódo de flor sem par,
Flor de luz e ventura... é porque o riso
A abra e transforme em flor do paraíso!

As dores de Prometeu

Em abril de 1842 nasce a filha de S. Miguel o homem loiro, de olhos azues, de barba espessa que se chamou Antero de Quintal. Na família dele havia poetas e místicos, dois pais de muito parecido com o sobrinho de gênio. Tinham "a mesma carnção e cor dos cabelos, o mesmo olhar vago de quem não vê as coisas triviais". O avô de Antero antes de morrer mandou queimar todos os seus versos. Bocage admirava o poeta André da Ponte Quintal. Avô e flos poetas. A herança de Antero não era pequena. Místicos e poetas corriam-lhe no sangue. E a solidão da ilha, a pesada solidão do pedaço de terra cercada d'água por todos os lados. "Homem ilha" seria Antero por toda a vida. Todos os seus contactos com o mundo foram os de uma natureza de solitário. Quis fazer o possível para romper estas cadeias. Em Coimbra deu a impressão de uma saúde de gigante bom. Antero se entregou ao socialismo para se curar de suas doenças íntimas. Pretendeu quebrar correntes, em vão. Preso estava ele ao sofrimento que lhe roia a vida, ao pessimismo que era o que segregava o seu gênio. Um amigo viu-o voltar à ilha com os olhos azues que eram vivos, baços, nublados de dor. "Prazeres só os peria a fantasia". O poeta voltava para com as suas próprias mãos acabar com as suas dores. Acabou com o seu corpo. As dores ficaram nos sonetos, na mais negra e mais pungente tristeza que é dado ao homem sofrer. O poeta Antero de Quintal viveu uma poesia que é das maiores do século. E' um poeta tônico como Camões, capaz de competir com os grandes de Inglaterra, de França, de Alemanha. Os seus sonetos não contam a história de um amor, de

uma paizão, é a história do homem, é a máquia da humanidade como em Eschylo. Ele viu o homem acorrentado, o homem devorado pela dor, e exprimito como ninguém o fizera na Península este drama maior. O rapaz loiro, de cabelos em ondas, de olhar quente, que deixara a sua ilha para o continente, voltou carregado de mais dores que um galé. Deu dois tiros na boca para morrer. Mas as dores que ele carregava são eternas. São as dores de Prometeu.

Homem-Ilha

Escrevendo para Oliveira Martins, em vésperas de morrer, dizia Antero de Quintal com melancolia de desesperado:

"Infelizmente, o período do instinto passou, e é nisso justamente que está a crise: substituir, na direção das coisas humanas, o instinto, que era suficiente, pela inteligência que parece insuficientíssima. Não vejo saída a este beco escuro".

E como não tivesse encontrado saída ao beco escuro, num dia de neblina, de céu escuro sobre a ilha vulcânica de S. Miguel o poeta matou-se para se libertar do que ele chamava de sua "excêntrica personalidade". A natureza do poeta dos sonetos foi uma natureza de assombro. Nunca o homem-ilha foi mais marcado do que nele. Ventos de idéas, de paixões cortavam a sua alma de norte a sul, de leste ao oeste. Germinavam tempestades no seu coração, que queria ser livre. Queria amar e o amor para Antero era um amor abstrato, que ele não pegava, que ele sentia mais como um ideal. Então o poeta procurou fugir de sua ilha interior, procurou o continente, procurou o mundo dos sentidos, a cor, a luz, a quentura dos homens. Tudo aí se-

ria um desespero de evadido. Evadiu-se na filosofia, evadiu-se nos antigos, na doença física. Os médicos queimaram-lhe o espírito a ponta de fogo. Mais do que o corpo a se acabar, Antero de Quintal tinha um espírito sofrendo de fome insaciável. E foi a inteligência clarificada demais que o encandeou, que lhe secou a vida. Quando escrevia aos amigos era para se confessar derrotado, perdido. Fora do seu território não havia terra firme para ele. Procurou terras e terras. Os seus sonetos falam dessas viagens tenebrosas. E quando mais andava mais se aproximava daquele beco sem saída, de um nada que nem os últimos anseios místicos conseguiram vencer. Poeta do fim da "funérea Beatriz de mãos geladas mas única Beatriz consoladora". Era o Antero que faria da morte a sua musa; musa de negro, de amor frio, de nupcias áridas. Foi este homem másculo e belo que quis pincer o bloqueio das dores devoradoras e não conseguiu. Ficaria cercado de máguas por todos os lados, batido pelos duros temporais, só e único no meio de seu povo.

Mas o homem loiro lutou contra o destino. Mensageiros mandou pelo mundo. Ilha querendo istmos para contactos. E nada. Mas por todos os lados, água e abismos, ventos do norte e ventos do sul. O céu escuro e baixo como que caía sobre as coisas. O desespero era o alimento do poeta. Desesperou sempre. E quando parou de desesperar mandava dizer ao amigo do peito: "Noutro tempo desesperava-me, o desespero, o reconhecimento, era um alimento para o meu espírito; vivia disso. Mas agora, que já não posso desesperar, sinto um vácuo". Foi este vácuo que ele procurou encher com o seu cadáver, o vácuo que lhe abriam na alma a inteligência, a lógica, a razão vista.

A burguesia, a democracia e o mundo futuro - Antero de Quintal

A burguesia deu o que podia dar, não se lhe pode exigir mais, uma classe nunca pode ser um apóstolo: é simplesmente um elemento, uma força, cujo ato é determinado pela energia inicial. O que dará a democracia? Quem poderá duê-lo! E' o escopulo onde até hoje tem naufragado todas as sociedades. Será que a sociedade, enquanto dividida em classes, que reagem umas sobre as outras e mutuamente se estimulam, e enquanto essas classes tem, como tais, um fim a cumprir, uma aspiração, um ideal, será, digo, que a sociedade, nessas condições, constitua um meio mais próprio para a produção do civismo e para a tempera dos caracteres? e que, realizadas aquelas idéas, cessando aquele estímulo, o homem que aquela luta levantara acima de si mesmo, tenha fatalmente de cair na condição primitiva, na do animal de quem descende, só preocupado com materialidades e visionices? Não sei; mas o que é certo é que não há sociedade, por decadente e inferior, onde a virtude não seja possível; e se a virtude é o fim último da vida, por conseguinte da sociedade, que não é mais que uma condição para que ela possa dar-se, direi que não há sociedade completamente perdida, completamente inútil, visto que o fim supremo nunca deixa de se realizar. A nós espiritualistas e estóicos deve bastar-nos isso. Sejam os que perante o Universo justificam a Sociedade em que vivem, por pobre que ela seja. Cumpra-se por nós o fim da hu-

manidade, impulso primário de todas as Sociedades, e aquela em que vivemos não terá sido, perante o ser, inútil nem estéril. E mãos à obra. Do bem, ainda o mais invisível, não se perde uma partícula, nunca se poderá perder, através do infinito do tempo, através do monstruoso rodopiar das formas e das acasas. Guarda-se e acumula-se, não sabemos como, na espiritualização permanente do Universo. E' um momento na grande obra do Ser infinito, uma linha, uma pedra, uma areia, uma estrutura do seu grande edifício, e, pequeno ou grande, lá ficará eternamente".

DIGNIDADE

INTERIOR

Antero de Quintal

Na hora em que eu não pudesse confessar sem receio ou vergonha a esse severo juiz que todos temos dentro, os motivos de uma opima opinião, de uma frase, de uma palavra sequer, proferida numa ocasião grave; na hora em que eu me visse obrigado a ocultar a consciência que julga e sentencia, um só ato da inteligência que pensa e determina, fosse embora aquela frase brilhante e aplaudida, fosse aquela determinação atrevida e admirada — eu é que não poderia nessa hora sentir nos lábios a doçura do triunfo, mas só no coração todas as amarguras de uma consciência perturbada, o fel da balança e da injustiça própria. (Bom Senso e Bom Gosto).

A moral, condição das grandes obras

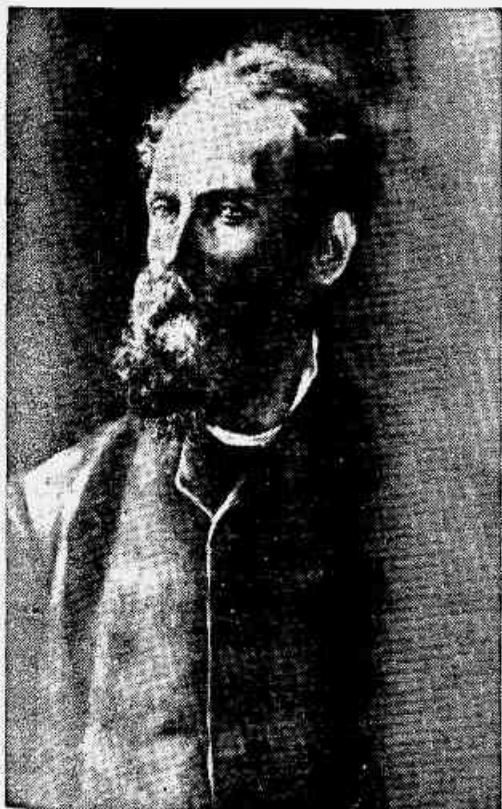
Antero de Quintal

Cóisa alguma grande e duradoura se fundou ainda no mundo senão pela Moral, e se o Socialismo tem de ser uma esplêndida realidade só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades. Audácia, audácia, e mais audácia! exclamava Danton no meio de tumulto dramático da grande Revolução; nós, no meio da confusão de um vasto movimento de classes no qual o elemento dramático é pouca coisa, mas enorme o peso das fatalidades económicas, diremos: moralidade, moralidade, e sempre moralidade! (Cit. por Antonio Sergio, in Notas sobre Antero de Quintal, pag. 14).

O escritor é um ser moral

Antero de Quintal

O escritor antes de tudo tem obrigação de ser moral, porque os escritos e os escritores, as artes e os artistas é que fazem a corrupção ou a grandeza das épocas. (Bom Senso e Bom Gosto).



O último retrato de Antero de Quintal

A propósito das "Radiações da noite" do sr. Guilherme de Azevedo

ANTERO DE

Agradeco-vos, meus senhores do *Suplemento Literário* Português, o vosso lembrete de mim para o dia desta comemoração do centenário de Antero de Quental. Não vos tivesse ocorrido esta lembrança e a oportunidade de me aproximar, de manchar mais intimamente a grande poeta e grande figura humana, que estamos celebrando, teria passado, e eu continuaria a desconhecer Antero de Quental superficialmente, através apenas de velhas leituras, apressadas e insuficientes.

A vossa escolha, meus senhores, e a obrigação que assumi de vos falar, deu-me o ensejo excepcional de me debruçar longamente sobre essa alma extraordinária e contemplar dedicadamente a figura solitária desse poeta, que, depois de nosso tutilar Camões, foi, talvez quem mais o glorificou e elevou a poesia portuguesa.

A vós, pois, meus amigos desta casa, devo este enriquecimento, a vós devo esta presença do grande poeta no meu coração e no meu espírito.

Antero, Targuinho de Quental, nascido a dezito de abril de 1842, pertenceu a uma geração que a si mesma se chamou de *venenos da vida*. Viveu num período de brilho intelectual, e no mesmo tempo de devolução, numa hora em que Portugal, pelo "humor" melancólico de seus filhos mais cultos e esclarecidos, realizava a sua compreensão de nação sem destino. Em Coimbra, onde quase toda a geração de Antero se encontrou na inquietude adolescente universitária, principiaram os homens de letras, que viriam a dar a cor e o movimento à vida do espírito português, nas últimas décadas do século XIX, a criar uma atmosfera nova e penetrada por uma feição mais arejada, agul e livre, embora divorçada, por alguns dos seus aspectos, do velho espírito tradicionalista erudi da fisionomia espiritual lusitana.

O culto da ironia, da negação, do pessimismo inconformista, mas nada trágico, eram as características desse grupo realista, dessa geração que tomou a si a tarefa de integrar Portugal no seu século e na Europa.

Eça de Queiroz foi a figura mais representativa desse momento, tão rico e tão importante para as letras portuguesas. Não podemos resumir, mais do que em que quer outro, essa aspiração à elegância, esse velho modernismo, esse orgulho de quem é, sabe e conhece o que vale ser um filho do século das luzes, um descrente, um decadente, um venenado da vida. É bem verdade que a obra de Eça de Queiroz adquiriu um aspecto insperado e de um certo modo nacionalista, mas o espírito que atuou, que deu o tom à literatura de Eça, foi esse, bem diferente de tudo o que significasse fervor e ingenuidade.

Olhos abertos para o ridículo das coisas e dos homens, castigando o atrazo com o desdenho e a ironia por vezes terrível e cruel, Eça de Queiroz representava bem e agudamente o estado de espírito dos homens cultos e livres do seu tempo.

Em Antero de Quental não havia lugar para o ceticismo, para esse sorriso amargo e desdenhoso: a sua natureza era uma natureza realmente diferente e trágica e a sua concepção da vida, a de um ser atormentado invencivelmente pela sede do absoluto; a de um homem que não sabia pensar sem que o ato de pensar não fosse marcado pelo martírio.

Olivera Martins diz no prefácio aos *Sonetos* de Antero, que o poeta só sabia escrever molhando a sua pena no sangue. Essa impressão é exata.

Nenhuma alma terá sangrado mais. Nenhuma alma terá mais aspirado à paz e sentido mais fortemente o desejo da integração em Deus. E ninguém terá, outro-sim, mais do que essa alma, conhecido e experimentado a solidão, a descrença, o vazio dos céus onde a imagem humana, segundo Antero, colocou um Deus inexistente.

Num momento em que havia no ato de sofrer um irreprimível dilematismo, numa hora em que se procurava a originalidade à custa da negação das coisas mais sagradas, numa hora em que o sorriso inteligente e sem dúvida fácil, de Renan, realizava o ideal de um mundo confiante na ciência e liberto de crenças e abusos, nessa hora, que singular contrasta a presença apaixonada da negação de Antero de Quental cheia de fé, apesar de tudo, e da autenticidade com que ele expunha nos seus versos, a guns eternos em nossa língua, os seus debates interiores, e os frutos amargos que a sua natureza recolhia invariavelmente de tantos sonhos, de tantas crenças, de tantas esperanças.

Ninguém, em nossa língua, feriu como Antero de Quental a nota de desespero puramente intelectual, da tragédia do pensamento limitado e do infinito mistério; ninguém soufreu como Antero de Quental, na expressão portuguesa, a amargurada aventura de aspirar às coisas altas e eternas; ninguém como Antero de Quental realizou a aventura infeliz de ser uma alma que um dia viu "a beleza que não morre" e se tornou irreparavelmente triste. A face do Absoluto foi o que sempre aspirou o seu desejo para a contemplação única e insubstituível e daí a sua negação do mundo e da vida em desespero e em tragédia; daí esse não suportar a vida vã, daí essa descrença, essa infelicidade diante do frágil e do perecível, que acompanha o homem e do homem nasce e se origina.

Imaginemos um Pascal não assistido pela fé, e apenas socorrido pela música e pela poesia, e teremos talvez o retrato de Antero.

Nenhum espírito, como o do nosso poeta, mais dotado para o raciocínio, mais capaz de ver as coisas livres de abusos, e com o olhar mais agudo assim como o de Pascal, o homem do abismo.

Era Antero, um ser lúcido, daí a intensidade da sua tragédia, porque não há delírio e não há desespero maiores do que o do ser lúcido; como não há maiores tempestades do que as que desabam, em certos regiões oceânicas, nas horas mais luminosas. As almas obscuras trazem o trágico consigo mesmo e no trágico se identificam, quer dizer, retiram e afastam da substância trágica, esse elemento mais terrível que é a surpresa, que é a mudança de temperatura, a passagem da tenuidade para um estado de densidade; excepcional e muitas vezes insuportável. As almas lúcidas não as amparam a obscuridade propícia e tudo se realiza com uma nudez implacável e com uma surpresa cruel, que nasceu da visão perfeita do contraste, da separação entre o que existe e o que vem para dominar, entre o que é e a dura lei que tudo sujeita.

Nas almas obscuras se a luz da fé desaparece, o escuro é maior, e a noite mais fechada. Nas almas lúcidas, a ausência da fé é um conflito mais terrível ainda porque a consciência do que se perdeu é mais nítida, mais presente, mais angustiosa.

O olhar feito para viver na obscuridade melhor se acostu-

ma à noite total do que o olhar que só na pureza luminosa das coisas encontra o seu clima e a sua plenitude. Antero de Quental era um homem que não podia oscilar entre a Fé e a Negação, não era feito para esse equilíbrio, para se manter entre esse crer e não crer, que é o que mais acontece nas naturezas humanas. Antero de Quental não podia suportar, pelas qualidades de sua alma, esse ritmo alternado; sua condição era de poeta e absoluto. Ondo de gente que fez da crença em Deus uma razão de viver, tendo na família fundadores de ordens religiosas, filho de uma senhora que levava aos extremos as práticas religiosas, nasceu Antero de Quental para viver em Deus e com Deus no coração, nessa comunhão com a sua raça e a sua gente — que ele cantou num dos seus mais puros e belos sonetos: "Reprimiz meu pranto!"

Considera Quantos, minhalma, antes de nós vasaram, Quantos as mãos incertas levantaram Sob este mesmo céu de luz austral!

— Luz mortal! amarga a própria primavera! Mas seus pacientes corações lutaram, Crenças só por instinto, e se lapidaram Na obscura e heroica fé, que os fretempera...

E sou eu mais do que eles? Igual! (fado) Me prendo à lei de ignotas (muitidões). Seguir-me meu caminho confiado, Entre esses vultos mudos, mas (amigos). Na humilde fé de obscuras gerações, Na comunhão dos nossos pais (antigos).

Nessa comunhão, porém, não esteve ele: dela mesma se afastou resolutamente com o lúcido heroísmo da sua alma. O vento da inquietude cresceu-lhe na adolescência a Fé dos pais antigos, a Fé que esteve presente nas horas iniciais da sua vida, ardente e pura no seu coração ardente e puro. Alma nascida para viver e dormir na mão de Deus, natureza autêntica, aspirando sempre à santidade, e ter perdido a crença em que nascera constituía o grande drama em que se debateu a vida toda e em que morreu.

Temos, aliás, do próprio Antero de Quental a confissão impressionante do seu drama inicial, desse drama que o mutilou para sempre e traçou o seu destino trágico. Na sua *Carta auto-biográfica* a Wilhelm Sterck, nos conta o nosso grande poeta, sinceramente, com a nobre coragem que o caracterizou sempre e em tudo: "O fato importante da minha vida, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair pobre criança exausta de viver quase patricular de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrepelida agitação de um contra, onde mais ou menos vinham repercutir-se as desconhecidas correntes do espírito moderno. Varrida, num instante, toda a minha educação católica e tradicional, cai num estado de dúvida e incerteza tanto mais pungente quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quase todos os da minha geração, a primeira que em Portugal saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição."

Dante dessas palavras, dessa luz que o próprio Antero derrama sobre a noite angustiosa de seu caminho diante dessa confissão que é ao mesmo tempo uma queixa, que é preciso

mais para reconhecer a família e a criação que perdeu um dia, nas seduções do tempo, que perdeu nos enganos e no mal da inteligência, o caminho de casa, a luz da laireira antiga, onde as gerações de simples encontraram as razões de viver, de trabalhar e amar a vida?

Tirai a Fé de uma alma sem muita força e essa alma continuará a cumprir o seu apego à terra, e desaparecerá depois um dia, não realizando, e a própria, a sua desgraça, contentando-se em ter tido do mundo as formas e aparências; tirai, porém, a Fé de uma alma como a de Antero, de Quental, nascido para o absoluto, e toda uma nobre e viril existência humana se consumirá numa procura incessante dessa perdida Luz e na reconstrução de uma outra Fé, porque a sede do absoluto, em certas almas, é angustiante e profunda.

Tendo faltado com a solidariedade de crença aos da sua raça, aos que o precederam no tempo, aos seus sadios e rudes avós, mas não à solidariedade do sentimento, a vida de Antero de Quental foi a de um solitário atirado num debate ininterrupto. Precisa para viver estar amparado a uma crença, conhecer a verdade e servir ao Bem. E o seu olhar mergulhava fixa e heroicamente nos abismos; e curvava-se por momentos diante da palha seca dos raciocínios filosóficos, com uma comovente franqueza. E sendo um homem forte, um centro de decisão, um chefe de fila, um homem de uma dura coragem, dava por vezes a impressão de um ser perplexo, de uma folha seca que o vento transportava nas suas asas. O que ele afirmava, cheio de convicção mais irresistível, a certeza que ele segurava um instante nas suas mãos máximas, de subito se dissolvia, diminuía e em pó se transformava. E continuava assim sempre a sua inquietação sobre si mesmo.

Nada melhor definiu essa inquietação do que uma anedota, que me foi contada pelo sr. viadente de Carnaxide. Sei bem o que valem as anedotas, e jamais as usou ou amei. Há, porém, nessa que vos vou narrar uma graça natural, que nos restitua e fixa um pouco da atmosfera que envolvia o nosso poeta-filósofo.

As ligações entre Antero de Quental e João de Deus são bastante conhecidas. O grande angustiado, o cavalheiro andante das idéias, e o poeta do povo, da infância, e das coisas ingenuas e simples, amavam-se apesar das distâncias e dos antagonismos que os separaram. A sombra de João de Deus, dessa alma delicada e pura, a grande alma atormentada de Antero gostava de se reconhecer, depois de longas e melancólicas viagens pelo mundo das idéias, e depois das pugnas entre a ânsia da Verdade e as realidades da condição humana. Imaginemos hoje aqui, esses encontros João de Deus e Antero, a flor dos campos e a árvore desgredinhada pelos asperos ventos. A ave canora, cujo canto era um perene louvor a Deus, e o grande pássaro noturno, queimado pelo frio das alturas, dolorido dos vãos imensos na solidão e no silêncio.

Em verdade o que Antero procurava inquietamente, era o que estava natural e tranquilamente em João de Deus. A Fé perdida, a fé perseguida pelas estradas, pelos caminhos do mundo, a Fé — que ele Antero perdera, que ele trocara pela crença nas coisas efêmeras, nas coisas mais nebulosas, nas coisas mais germínicas deste mundo, a Fé dos velhos acorianos, a Fé necessária vital da alma de nosso poeta, João de Deus a conservara sempre, João de

Deus a trazia consigo como a luz dos seus olhos.

Quase todos os dias Antero se dirigia à casa de João de Deus, na rua que tem hoje o nome deste, quase todos os dias os dois se entregavam a longos debates sobre o ser e o não ser, sobre o destino das almas, sobre a vida, sobre a missão do homem na terra e procuravam, de certo, a solução de velhos problemas insolúveis. A certa hora da noite, na casa de João de Deus ouvia-se sempre o bater de Antero a chegar para a tertúlia.

Aconteceu que a velha casa de João de Deus, que estava a porta ao Santo Antero, finalmente, foi-se a viajar para o céu, ou adoeceu, e foi substituída por uma outra mulher, que não conhecia o visitante intelectual. Atendendo ao chamado de Antero, essa criatura abriu o portão e o hando viu um homem de barba negra, com uma larga pelotina e um modesto chapéu de câmpio. Diante do vulto que a sombra noturna ainda tornava mais estranha, a pobre criada indagou:

— Quem sãois?
Ao que Antero respondeu, do fundo da sua angústia, da sua atormentada inquietação:
— Não sei!

E não o sabia mesmo, a pobre! A saturação das muitas filosofias, as viagens por sistemas e teorias, o tinham tornado àquela condição de peregrinador de quimeras e sonhos, que a si mesmo se ignorava.

Nenhuma mensagem deu, da por poeta em nosso idioma traduz, como a que nos foi legada por Antero de Quental, essa procura de absoluto, esse debate entre o ser e o destino supremo, e os céus vazios e solitários; nenhuma, talvez, que nos revela esse itinerário de um homem a quem as irrealdades do mundo formal não rotundam, e que assim vive a procura da verdade impossível e insubstituível. Homem de fé e de poesia ao mesmo tempo, nada o contentava que fosse o caráter fragmentário e eterno, tudo nele se revestia de uma necessidade integral; ao pensamento devia corresponder a ação. Esse torturado, esse valhailho andante do absoluto, não podia viver apenas superficialmente as suas idéias e noções, mas a elas se devia necessariamente render e entregar; e como, se há uma lei em que podemos tranquilamente estar, é a que estabelece a diferença entre a ideia e o objeto, entre o que sonhamos e o que a vida nos oferece, entre a teoria que formulamos e o que resulta, essa teoria quando aplicada, não poucas vezes o ter revelado Antero de Quental através dos desluzes de suas campanhas, de suas saídas para a aventura e para a repetição das injustiças deste mundo.

Poeta da ideia pura, a lei certa dos pensamentos mais interessantes, quantos mais não pretendia ele se identificar com o que dominava o seu espírito e dele passara a ser submissão e obediência. A natureza cristã desse livre pensador, desse descrente, desse budista, desse nihilista, as raízes da piedade cristã embora remanescentes apesar das colocadas, um dia, diante de Antero, de Quental o problema de positivismo, a chaga das injustiças sociais, e então assim nos vem, a quem os próprios companheiros de bohemia chamavam de Santo Antero, abandonando a sua vida de homem livre e preocupações da luta pelo pão cotidiano e transformando-se num operário, vivendo em Paris num algum tempo a vida de literato obscuro.

Assim era ele; assim era esse digníssimo ser humano esse multido de combates metafísicos, essa alma que procurava, em vão, uma fé que visse substi-

QUENTAL -

Augusto Frederico Schmidt
(Conferência no Liceu Literário Português)

que a fé que lhe cobria como a sombra de tantas gerações de homens e de simples.

Assim era Antero de Quental, penetrado de amor por tudo e que refletisse um pouco de luz que um dia se perdera na sua alma e a fazia errar e pensar tão facilmente, sem encontrar no pouco, um fim, um destino qualquer e certo!

Não de uma vida de estudante que ele dera sempre essa impressão de vigorosa decisão, de convulso firme e serena, de capotamento de lutar e de se soltar com os que julgava a expressão da justiça e da verdade. Os episódios da bondade de Antero, do seu destemor diante da facinorosa coragem, e ao mesmo tempo da sua modestia; a expressão da sua autoridade, de que ele era algo de diferente dos outros todos, criou em seu grande poeta uma obra, uma marcada distinção que não desfez ou mudou.

Antero de Quental era, em verdade, um irmão desse outro gigante a quem a ingénua sabedoria de seu escudo de armas de Triste Figura. Era um D. Quixote cuja loucura fez sempre sorridente, e o despertar sempre doloroso. Como o cavaleiro, diante imortal, bateu-se em muitas vezes também contra a realidade, como o herói de romance, nele habilitou algum elemento consumido pelo fogo da idealidade, algum que as vitórias torturavam!

"Eu incoerente as sombras
Invisíveis
Ranando pelas praias solitárias
Eras o mar, a tua voz anígua".

Antero bem, meus senhores, e talvez não poderia outros, pertencer ao estranho e fado machucado, esse verdadeiro monólogo quixotesco que a "Voz Interior":

"Enfiteio num sonho doloroso,
Que atravessam fantásticos climas,
Trocando num povo de visões,
Se agita meu pensar tumultuoso...

Com um bramir de mar tempestuoso
Que ate aos céus arroja os seus
fascínios,
Surgindo uma luz de exaltação,
Jesuítas me o Universo monstrosos...

Mas quem termo, um trágico
Igemido
E não sem cessar ao meu ouvido,
Com horrível, monótono valem...

Se no meu coração, que sendo
lo moço,
Nasce a voz, que eu mesmo
desconheço,
Em fúria protesto e afirma
lo Bem!

O quixotismo de Antero de Quental está marcado por atos e atos de sua vida, e a sua poesia traz a lembrança, seguramente, da sua condição de poeta:

"Folia que sou um cavaleiro
lândante,
Por asertos, por sóis, por noites
e escura,
Folhoso do amor, busco anhelante
O teu reino encantado da ventura
lra!"

Quando em quando reponha uma imagem que nos lembra um desencantamento de D. Quixote. Essa versos, não nos permitem sugerir, por exemplo, o Cavaleiro da Triste Figura famoso, em plena lucidez, de sua honrada estada na Serra Morena?

"Mas, filha, lá nos montes onde
lândel,
Tudo me enchi d'angústia e de receio
Quanto da grandeza os longos
lécas,
Que não quero imperar nem já
lser rei!"

O poeta-filósofo, o homem capaz de raciocinar, de ver claramente os problemas do pensamento e da sociedade, o homem lúcido que venceu

os fantasmas da religião dos seus antigos e pôde descobrir que o Deus tão temido era uma invenção do homem, esse Antero de Quental tal como o personagem incomparável de Cervantes, era como ele um ser cheio de fantasmas, desses fantasmas que em D. Quixote se tornam imagens da loucura e no poeta português criadas da esperança toda poderosa que acompanha o homem até o fim. Poeta e Personagem viveram sempre com fantasmas, tiveram amores inexistentes e impossíveis, contemplaram o Palácio da Ilusão, e não encontraram silêncio, escuridão e nada mais. O gesto do Cavaleiro da Triste Figura condenando nas suas horas finais os livros de cavalaria, que o fizeram ver a vida sob a forma de uma exaltação e de um encantamento, esse olhar de Antero Quental, o Bem que desceu sobre as coisas de súbito e as encontrou medocemente pousadas onde pousadas deviam estar, quantas vezes o nosso grande Antero não o deixou cair também sobre a vida, do fundo das suas torturantes cismas, das suas lutas pascalinas, das suas batalhas pelo Ideal, ele que viveu sempre perdido nesse "mal sem nome", nessa "febre de ideal", "buscando entre visões o eterno Bem".

Miguel de Cervantes Saavedra, pai de D. Quixote de La Mancha e seu filho, fixou e surpreendeu no seu herói não o próprio homem, como se diz, geralmente, mas um tipo de homem verdadeiro e vivo. O homem que crente, não é uma expressão da humanidade, mas um ser que existe à parte, mas existe apesar de tudo. A realidade não é feita de Quixote e de Sancho Pança, outro crente profundo com aparências diferentes. A humanidade é feita, geralmente, do Barbeiro, do Cura, do Simão Carrasco e dos estábadeiros, cabreiros, homens e mulheres, fidalgos e plebeus, que rodearam o herói, e o cercaram por vezes nas suas pobres e, no entanto, tão nobres investidas para o alto. D. Quixote é uma natureza excepcional, voltada, como Antero o foi também, para o Bem, para a defesa dos desprotegidos, para o patrocínio da causa da Liberdade. No mais da sua loucura, movia-se nele D. Quixote, uma lógica, a força de um raciocínio perfeito. O que o perturbava era o desconhecer a realidade e ver o essencial apenas e sempre. Pouco lhe importavam os aspectos exteriores, se ele sabia tudo por ter lido, pelo que diziam os livros de cavalaria. No caso de Antero de Quental, os livros de cavalaria eram os escritos pelos filósofos, pelos dialetos, pelos criadores de fantasmas e de nuvens, que a pretexto de livrar os homens da noite, da escravidão e do medo cósmico, os conduziam invariavelmente às regiões do indefinido, onde cada passo é um perigo, onde tudo se esvae na bruma, na escuridão e na tristeza que nascem sempre de palavras e palavras.

D. Quixote, criação prodigiosa de verdade — encarna-se de quando em quando, num ser, há sempre no mundo um D. Quixote, representado em diversos planos e setores da atividade humana. Creio que o nosso poeta foi mesmo uma dessas encarnações do Quixote. Reconhecemos os quixotes porque mais creem — no que está nelle próprio — do que nas coisas lá como se apresentam nos olhos de todo o mundo.

Desafiou, também, Antero a Deus, provocou-lhe a fúria santa, e por fim, impacientou-se, amargou e insatisfeito, e procurou a morte. Esse suicídio anterior é que não é um ato quixotesco, mas um ato em que a lucidez predominou, um ato que resultou da alma ferida por tantos combates, ter visto

num relâmpago, que tudo era impossível e tudo vão.

Nobre e heroica terra humana, que se chamou Antero de Quental. Nela como lutaram luz e treva, procurando uma e outra o domínio, o império e o comando. Como sofreu esse ter nascido com tão altas e raras qualidades para o triunfo, e que tão só a desgraça se pensava martirizou. Grande terra humana em que o inverno foi tão duro, em que tudo acontecia para o mal, em que uma reza nascia, um sorriso de criança desabrochava, e mesmo essas coisas delicadas, essas gestos simples e humildes da natureza, eram transformados em matéria para uma amargura sem remédio, para uma tristeza insolúvel. Debatendo-se no meio de deuses, atravessando a vida como se a vida fosse esse inferno e amargo mar, onde ele desejou que se dissolvesse o seu coração de lutador, mas bendito seja assim mesmo o poeta Antero de Quental, que extraiu do seu drama essa poesia que ele nos legou, que enriqueceu e criou as letras do seu país. Bendito seja esse homem, esse naufrágio voluntário que um cansaço de sofrer atirou na escura morte, bendito seja esse Santo Antero, a quem a Divina Misericórdia deve ter salvo no momento final, e que deve estar dormindo "na mão de Deus, na sua mão direita". Deus ama os autênticos, os que O procuram, e quem terá procurado mais a Deus do que esse Poeta-Suicida, e quem terá procurado mais a essência e o Pensamento sedento do que esse homem sedento de luz, do que esse ser dramático, que não pôde suportar a vida sem a Fé, que não pôde suportar a noite do mundo abandonado na incerteza e na negação?

O homem que nasceu para o Amor de Deus, não pode sem esse amor viver. O Amor de Deus era o destino de Antero de Quental. A sua natureza reclamava essa iluminação e essa presença, sem a luz de Deus — sem a Fé, tudo se revolve no caos e na perdição. Não tivesse nascido ele num tempo incerto e desmunição, não se tivesse perdido Antero na confusão de tantas e tão variadas construções da vã filosofia; não tivesse tido, como homem sedento de conhecer e meditar, abandonado a linha tradicional latino-portuguesa por um certo germanismo, e a poesia de Antero, e a vida de Antero de Quental teria adquirido e se teria realizado de maneira mais limpia. Mas que nos vale gemer sobre o destino dos seres, que nos vale lamentar que a força lírica de um grande poeta como o nosso Antero de Quental, tivesse, como um rio, tomado um curso diferente, atravessando não as paisagens inquietas e desesperadas que percorreu, mas outras paisagens mais claras e harmoniosas, onde a graça tranquila substituisse o sombrio espetáculo da incerteza, da negação e da amargura? Inútil desejarmos transformar Antero de Quental num outro ser, muito embora esse desejo se justifique, porque de quando em quando no quadro tão característico da sua poesia reponta esse ser anterior diverso do outro, e que se entremonta na claridade e no esplendor de uma serena melancolia de homem que soube atravessar as incertezas e as regiões conflituosas e pôde ver a luz gloriosa da aurora.

Mas, tal como ela é, a sua mensagem poética é a mais singular de quantas a nossa língua portuguesa transmitiu. O próprio debate desordenado que a poesia anteriorana recebeu do drama filosófico vivido pelo poeta, a própria crispção dolorosa de um pensamento humano que sentimos realmente

doer; a própria luta, entre a luz e a sombra, que esteve no poeta tão vivamente empenhada, toda essa deardem de uma alma que renegou a própria graça e desesperou de tudo; que amaldiçoou as coisas mais delicadas porque nelas aneliou o fim próximo, a transformação e o perecimento dentro do tempo. Toda essa composição de contrastes, que é Antero de Quental, ser sequioso de luz, e voltado contra a luz; todos esses movimentos de uma alma plena de Absoluto e debruçada sobre a negação, sobre o abismo, sobre o nada; toda essa desesperante obstinação a simples e humilde verdade, foi que deu à poesia de Antero essa palpitação perene, essa vida que sentimos latejar através do que a sua obra fixou. A poesia de Antero é uma poesia Viva, é uma fonte perene. O tempo veio e levou tantas coisas em que ele confiava. Foram-se muitas filosofias, construções engenhosas, teorias, explicações do mundo, sistemas, um rio longo de palavras correu longe e demoradamente depois que se foi, por sua própria vontade, para a grande noite o nosso Antero de Quental. E chegaram tempos novos, e novas explicações e filosofias, e novos motivos de tortura e de esperança para os homens. Há, porém, alguma coisa que não se foi, há alguma coisa que resiste, há alguma coisa que este centenário do nosso grande poeta encontra viva e milagrosamente mais depurada e mais alta: é o canto anteriorano, a sua poesia, a sua voz, que conservou a sua alma, a sua tragédia, voz que se eleva sobre as ruínas das filosofias e das construções da dialética, voz que transformou as trevas numa perene fonte de luz; voz que o tempo está depurando de todas as suas aparências e tornando apenas o que é e vale por si mesma.

O Antero de Quental deste centenário já não é mais o Antero que li na minha adolescência. O tempo o aclarou, o tornou mais simples e mais essencial para mim. Como numa cultura, em que podemos distinguir bem tudo o que vingou plenamente e o que não passou de aspiração ou fracasso na fase do crescimento, assim podemos na poesia de Antero distinguir as folhas efêmeras e as flores eternas. Quanta página, que entusiasmo aos contemporâneos e hoje nos aparece sem graça nem sentido. Poesia de combate, com esse grito e espírito característicos da época, que tanto marcou a Guerra Junqueira, poesia de circunstância, poesia de ideais, mas em que a ideia não mergulhou na experiência que a tudo amadurece. Poesia de homem que não tocou, por vezes, no fundo do mar e se deixou levar pela cor das águas, e pelo movimento das ondas, pelos preconceitos do efêmero, pelo impeto polémico. Na obra poética de Antero de Quental, encontramos tudo isso, notadamente nas suas Odes Modernas. Mas, aparaí esse joio, e as espiças eternas al estão aos nossos olhos! Alguns dos sonetos do inquieto Antero de Quental poderiam figurar hoje entre esses maduros sonetos de nosso nobre e bem amado poeta — e — fundador Luiz de Camões.

Existe um tempo a viver para as obras de arte. Elas são flores impercíveis, mas sujeitas ao processo de crescimento até à fixação. Existe para a criação artística e literária uma hora de Paz e de serenidade, onde repousam nitidas e luminosas, mesmo o que nasceu das naturezas mais atribuladas, inquietas e amarguradas. Há um céu para a obra dos que foram grandes mas tumultuários e de toque.

chegaram a se angustiar. Há uma hora em que o fruto da maior rebeldia se reveste da gravidade impossível do que está realizado e eterno.

É a hora clássica. A pressa crispante de uma natureza decisiva e apaixonada como a de Pascal, nós a relemos hoje com o mesmo espírito com que contemplamos a uma com trevação de linhas puras e definitivas. Sentimos que a natureza poética do autor das Cartas Provinciais está presente, mas a hora clássica adouco e transformou tudo o que ele escreveu e pensou com o seu sangue. Ninguém mais do povo do que esse criador a quem chamamos Shakespeare. Ninguém menos fixável, ninguém mais ruído, ninguém menos humanista, no sentido próprio e corrente, ninguém menos virgiliano do que o grande Shakespeare. Sua obra é uma contensão, seu estilo o de um rude escultor notado do áspero sopro de mudar em vida as coisas que treva. No entanto, não está esse terrível shakespeareano, esse pua excessivo, cheio de rumores, de gritos, de choques, não está ele iluminado pela luz da hora clássica, e os seres shakespeareanos, que os contemporâneos do comedante olharam e sentiram, grosseiros e talvez diferentes, esses mesmos seres, diante de nós atingiram a plura dos símbolos, dos mitos, e traduzem o que nós mesmos somos e sentimos, mais do que a mão ingénua e toda poderosa que os ergueu do nada e deixou que fossem e traduzissem.

Antero de Quental está penetrando na hora clássica. Os seus sonetos estão terminando a duração imposta pelo classicismo eternizador, que transforma e que tendo nascido do efêmero, desse efêmero se libertou e é impercível. Enquanto nós, brasileiros e portugueses, usarmos e tivermos esse idioma em que vos falo, Antero de Quental viverá. A obra anteriorana com os seus gritos, com a sua rude inquietação, com o seu exacerbado pensamento, está na coração da língua portuguesa, como uma estrela de um brilho diferente, alta e estranha.

E com a obra viverá, o Personagem que é Antero de Quental, o homem sério, o homem para quem existiu o problema do destino, o homem que a ideia crucificou, o homem que partiu para a morte à procura do segredo que na morte se contém, tal como esses mergulhadores que descem ao resgate das águas para a descoberta das perolas escondidas; o homem triste e a quem nada contentou; o homem que procurou, debalde, no meio de um mundo estéril a pátria perdida, a Fé dos seus maiores, a Luz que lhe havia de indicar onde está a mansão, a casa do Pai, desse Pai que lhe foi arrancado do coração na adolescência, e cuja sombra ele procurou, não a gemer porque e não gemia, mas a sangrar, no abandono maior que um homem conheceu neste mundo.

Honremos, pois, ao poeta Antero de Quental, tesouro do nosso patrimônio literário comum, tesouro desse patrimônio que devemos defender nesta hora em que vemos ameaçada de morte a existência dos países e das culturas livres.

PENSAMENTOS DE ANTERO DE QUENTAL

Os sentimentos duradouros consolam mais do que os instantâneos efêmeros.

A liberdade é um ideal que, como todos os ideais, precisa ser corrigido pela realidade e pelo sentimento moral, que só na realidade tem a sua pedra de toque.

PANTEISMO - ANTERO DE QUENTAL

Allein im Innern leuchtet helles
Licht
Goethe: Faust

I

Aspiração... desejo aberto todo
Numa ansa insuflada e misteriosa...
A isto chamam eu vida; e, deste modo,

Que mais inspirar a forma? silenciosa
Uma mesma alma aspira à luz e ao espaço
Em homem igualmente e astro e rosaf

A própria fera, cuja incerta passa
La mto nas algemas da deusa
Por certo entrei Deus — seu olho dago

Foi feito para ser brilho e beleza...
E se ruço, é que a porta surdamente
Teu alma turba, o grande natureza!

Son, no ruído há uma vida ardente,
Uma energia íntima, lã santa
Como a que faz frinar a ave inocente...

Há um desejo intenso que alepranta
Ao mesmo tempo o coração ferino,
E o do ingênuo cantor que nos encanta...

Impulso universal! forte e divino,
Aonde quer que irrompa e bebi e angusto,
Quer se equilibre em paz no mudo hito

Dos astros inortais, quer no robusto
Sem do mar tumultuando brado,
Com um furor que se domina a ruído;

Quer dierna na total obscuridade
Da massa inerte, quer na mente humana
Sereia ascenda o luz, da liberdade...

E sempre a eterna vida, que dinama
Do centro universal do fogo inferno,
Que ara brilho sem veia, ora se empana...

E sempre a eterna germen, que suspensa
No vazio do Ser em turbidões
De arde e luz, evolve, íntimo e inenut

Através de mil formas, mil visões,
O universal espírito palpita
Sobretudo na vital dos criados!

O formas! vidas! misteriosa escrita,
Do poema indecifrável que na Terra
Faz de sombras e luz a Alma infinita!

Surgir, por céu, por mar, por vale e serra,
Rofei, ondas sem praia, conjuntando
A paz eterna com a eterna guerra!

Rasgando o ardo imenso, ide sando
Do fundo tenebroso do Possível,
Onde as formas do Ser se estão fundindo...

Abre teu cablo, nota amareciscet!
Rocha, deixa banhar-te a onda clara!
Erre tu, água, o voo incesset!

Ide! cresce sem medo! não é avara,
A alma eterna que em vos anda e palpita...
Onda que vai e vem e nunca para!

Em toda a forma o Espírito se agita!
O imortel é um deus, que está sonhando
Com não sei que visdo vaga, íntima...

Semeador de mundos, vai andando,
E a cada passo uma seara basta
De vidas sob os pés lhe vem brotando!

Essência tenebrosa e pura... casta
E, lodaria, ardente... eterno alento!
Teu sapro é que fecunda a esfera vasta...
Chorea na voz do mar... canta no vento...

II

Porque o vento, sahei-o, é pregador
Que através das solidões vai missionando
A eterna Lei do Universal Amor

Ouve-o rugir por essas praias, quando,
Feito fulão, se afira das montanhas,
Como um negro Titã, e vem bradando...

Que inextinguível voz! que predicas estranhas!
E como freme com terrível vida
A asa que a fibra em extensões tamanhas!

Ah! quando em pé no monte, e a face erguida
Para a banda do mar, escuto o vento
Que passa sobre mim a toda a brida,

Como a entendo então! e como atenta
Lhe escuto o largo canto! e, sob o canto,
Que profunda e subtilme pensamento!

Ei-lo, o Anciã-dos-dias! ei-lo, o Santo,
Que já na solidão passava orando,
Quando toda o mundo era negrume e espanto;

Quando as formas o orbe tenebando
Mas se sustinha e, incerto, se inclinava
Para o lado do abismo, vacilando;

Quando a Força, indetecta, se enroscava
Ao espiaço do Cão, longamente
Da continuada primeira ainda escrevia;

Já ele era então livre! e rijamente
Sacudia o Universo, que arduasse...
Já dominava o espaço, onipotente!

Ele via o Princípio. A quanto nasce
Sabe o segredo, o germen misterioso.
Encarna o Inconsciente face à face,
Quando a Luz ferando o Tenebroso

III

Fecundou!... Se eu nas mãos toma um punção
Da poeta do chão, da triste areia,
E interrogo os arcanos do seu fado,

O pó cresce ante mim... engrassa... alteia
E, com paxmo, nas mãos vejo que tenho
Um espirito! o pó tornou-se ideia!

O profunda visão! mistério estranho!
Ha quem habita ali, e mudo e queda
Invisível está... sendo tamanho!

Espera a hora de surgir sem medo,
Quando o deus encoberto se revele
Com a palavra da imortgl segredo!

Surgir! surgir! — é a ânsia que os impõe
A quantos vão na estrada do infinito
Erquendo a paumosissima Babel!

Surgir! se rastros e flor! onda e granito!
Luz e sombra! atração e pensamento!
Um mesmo nome em tudo está escrito

Eis quanto me ensinou a voz do vento.

(De "Odes Modernas")

A GUITARRA - Antero de Quental

I

Três cordas tem a guitarra,
Uma única, outra de gaita...
A terceira, que não tem,
Todas lhe chamam marata

Ninguém toca ramalhete,
Com furo que não de murchar...
Ninguém toca cordas de oito,
Se não para queir ver estalar!

Apreendem todos o canto
O que pode acobertar
A quem canta os seus amores
Num cabelo de atalier...

Dão três cordas da guitarra
So a terceira da ala...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

Quantas folhas tem a rosa?
Quantas rufas tem o sol?
De quantas ervas do monte
Faz o ninho o rouxinol?

Quantas ondas d'agua amara,
De tanta que andam no mar,
Quantas ondas são precisas
Para um homem se afogar?

Dizei-me, ó ruas do monte,
E ondas que andais a fugir,
Quantos amores se querem
Para um peito se partir?

Não sei quantos peitos tenna,
Nem ja quantos corações...
Mas não cabem dentro deis
Minhas grandes aflições!

Quem tem vida para isto
Mala valia não a ter!
Palavras leva-as o vento...
Quem as poderá esquecer!

Das três cordas da guitarra
Uma chora, outra dá ais...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

II

Guitarra, minha guitarra,
Quem as cordas te estalou?
Acabou-se esta cantiga
Aonde o amor se acabou!

III

Lindas águas do Mondego,
Por entre olivais do monte!
Quando as águas vão crescidas
Ninguém passa além da ponte!

O' rio, rio da vida,
Quem te faz atravessar!
Vais-lhe cheio de tristezas...
Ninguém te pode passar!

Mas dize tu, o Mondego,
Pois todos levam sei fado,
Tu que fozes e eu que fico,
Qual de nos vai mais pesado?

Tu, ao som dos teus salgueiros
Levas as tuas ondas...
Eu, ao som dos meus desgostos,
Levo estas negras idéias...

Debaixo do arco grande,
Onde a água faz remanso,
Tem paz certa qualquer triste
Que anda à busca de descanso.

O luar bate no rio,
Tem um manio fulgor...
Não há assim véu de noiva,
Não há mortalha melhor!

Lindas areias do rio!
Uma traz doutra a fugir,
Vão direitas dar ao mar...
Ah! quem poderá dormir!

Quem tiver amores tristes
E andar roto a mendigar,
Da-lhe a água um brando leito
E bá de vesti-lo o luar!

A noite, o salgueiro é negro...
Com o vento meneando,
Parreram filis de frades,
Todos em coro rezando.

O' frade fecha o teu livro,
Vai caminho o teu fim...
Que eu já tenho quem me enterre,
Mais quem me reze além!

Lindas águas do Mondego,
F os salgueiros a cantar!
Quando a cheia é de tristezas
Ninguém a pode passar!

IV

Guitarra, minha guitarra,
Quem te havia de estalar?
Bem se acaba uma cantiga...
O amor não quer acabar!

V

Vou morrer — mas não desejo
Campo nobre alevantada...
Cavem minha sepultura
No seio da minha amada!

Sejam-me cinos brilhantes
Quando me for a enterrar,
Os seus olhos tão formosos,
Tristes por mim a chorar!

Que não me queitem incenso,
Entre cantos fúnebres...
Eu não quero outro perfume
Mais que o incenso de seus ais!

Não se oijam os graves alnos
Dobrando com grande dor...
Basta que no peito dela
Dobrem saudades damor!

Não quero (ai! funesto!)
Cruzeiros alevantados...
Sejam-me cruz os seus braços
Sobre meu corpo encruzados!

Foi nessa cruz que esperei,
Enquanto esperar podia...
Se não foi cruz da esperança,
Seja-me cruz da agonial

Não quero me deem sombra
Negros riprestes errados...
Bastam-me, enquanto eu dormir,
Os seus cabelos caldos!

Envolve meu corpo morto,
Como perfumado véu,
Faz trã de ouro, aonde
A vida se me prendeu...

E coisa justa, menina,
Que esta defunta paixão,
Ja que sem pena a mataste,
Se enterra em teu coração!

VI

Guitarra, minha guitarra,
Ja que a corda te estalou,
Pode acabar a cantiga
Aonde o amor acabou!



(Ilustração de J. P. CHABLOZ)

Eu queria ver as tuas mãos desligadas do teu corpo,
distantes do teu corpo,
a serviço unicamente do teu espírito.

Queria ver se reflexos de transcendentais estrelas
não viriam pousar sobre elas.

Queria ver se uma língua de fogo,
misteriosa e purificadora,
não desceria sobre elas.

Mucio Leão

O problema das identificações na "Lira acaciana" — Josué Montello

Quando outras provas não houvesse para demonstrar a fôrça de Eça de Queiroz como romancista — bastava, para isto, o fato de haver criado e imposto a lembrança de seus leitores o tipo caricatura do Conselheiro Acácio.

Em toda a sua vasta galeria de tipos é este homem austero, realmente, o que mais frequentemente nos acode à lembrança. O Conselheiro Acácio é tão doloroso e irônico como o Dom Quixote. O primeiro encontro com ele faz-nos rir, e louvar o poder sarcástico do grande romancista meridional. Uma segunda leitura de "O Primo Basílio" já nos inspira certa piedade por aquele homem de orelhas de abano, que tinha o talento das altitudes e o domínio verbal dos lumens comuns.

O novo encontro já nos dá também de Eça uma impressão contrária à primeira — e aí depa-ramos o romancista que soube fixar o doloroso drama da existência artificial de um homem espantosamente mediocre, que encrava como fatos de excepcional importância os atos banais do mundo.

De todos os livros do romancista português, foi "O Primo Basílio" aquele que despertou maior celeuma da crítica. No Brasil e em Portugal, grandes vozes de escritores ilustres acusaram ou defenderam o "pobre homem de Póvoa do Varzim". Até o nosso Machado de Assis, sempre retratado, quase nunca apreciando revelar o seu julgamento sobre os homens do seu tempo, escreveu um artigo, entre impiedoso e ávido, para esboçar, neste lado da América, o êxito excepcional do romance de Eça de Queiroz.

O drama de Luíza e de Jorge e certas cenas demoradas para os olhos pudicos foram duramente recriminados pela imprensa do tempo. Mas, "a uma voz", todos proclamaram a segurança com que o escritor soubera marcar, nos movimentos do romance, tipos como Julianna e Jorge, Basílio e Luíza.

Uma figura, porém, subiu mais que todos, no monumento dos primeiros leitores do romance de Eça: foi o Conselheiro Acácio, o fantástico Conselheiro Acácio, o prudente par do Reino, o amigo dos ministros, o cúrdio sempre fiel, o patriota que executava, sem discrepância todos os mandamentos legais dos entesismos civis.

Tão grande foi a repetição do herói do romance de Eça, que, desde então, no Brasil e em Portugal, o chamar-se Acácio constitui um motivo de glória e zombaria.

A propósito de tudo, passou-se a citar o Conselheiro. Em toda parte, nos jornais e nos livros, começou-se a descobrir frases e sentenças conselheiras do tipo ecaneano.

Nos homens graves e respeitadores da lei, que procuravam tomar atitudes exageradas a propósito de ninharias — descobria-se logo a presença do homem fatal que saía da pena sarcástica do romancista peninsular.

Eça de Queiroz não poderia ambicionar para o Conselheiro uma glória maior. Acácio firmara-se, no mundo das letras, com o mesmo elan de um Tartarín, um Piewick ou um Dom Quixote.

No Brasil, a geração de Olavo Bilac teve a idolatria de Eça de Queiroz. Até Machado de Assis, que pertencera a uma geração anterior e que rezava por outra cartilha em matéria de arte literária — participou da admiração do escritor lusitano, muito embora viesse da geração romântica e vivesse voltado para uma concepção de romance que estava, em muitos pontos, em situação oposta à do autor de "O Crime do Padre Amaro". Mas onde o Eça encontrou os seus admiradores mais ardentes foi entre os rapazes alegres e combativos da geração de Olavo Bilac. O romancista lusitano, com suas sátiras e o seu estilo encontrado, entre esses jovens que fizeram a abolição e a república, o melhor clima para o seu renome de criador de tipos e de cenas, porque as suas ironias e a sua forma estavam em correspondência com a idade revelada nos seus bochechos e a estética literária dos novos parnasianos do final do Império.

Em 1878, quando o Conselheiro Acácio surgiu nas páginas mortais de "O Primo Basílio", logo, num relâmpago, lhe advinha uma celebridade definitiva. Foi transportado para o teatro e para a caricatura, para o verso e para o artigo de fundo para a malícia das ruas e para a zombaria dos jornais.

Mas nem todos os admiradores de Eça de Queiroz sabiam que o seu famoso personagem foi o inspirador de uma primorosa sátira política, aparecida na imprensa fluminense no número de 18 de agosto. E seus autores foram três nomes dos mais ilustres das letras brasileiras: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Pedro Távares.

A sátira, primeiramente divulgada no jornal, apareceu depois em livro, com o título "Lira Acaciana" e a declaração de que fora coletada por Angelo Bittu. A palavra de abertura, destinada a explicar a "lira", é obra prima de verso e revela uma feliz imitação do estilo de Eça. Basta a transcrição de um pequeno trecho para dar ao leitor uma idéia de como essa imitação é realmente primorosa e de como nos faz lembrar o Eça das mais sarcásticas páginas da correspondência de Frederique Mendes. "Conheço de muitos anos Américo de Nêma, e tenho presente, como se fora hoje, a vez primeira em que, estendendo em São Paulo, na colada do Proximo, a cabeça, sar com Rui, Babiliano, sobre coisas transcendentes de política, história, filosofia, educação, jurisprudência. Para falar com zingara verdade e justiça, Acácio não conversava. Ele não tinha uma ideia, não apresentava um ponto de vista, não lembrava uma objeção, não profetizava palavra, não arranhava os lábios hígidos. Por esse tempo, Acácio terminava-se entre os superiores e destor uniformemente porque possuía um enorme bom-senso. Todavia, quando se ouvia esse bom-senso, que o Dr. Campos Sales tão soberbamente proclama e ainda hoje (Acácio ainda beirando os quarenta) chama precoce — nunca deu da sua existência, uma manifestação positiva expressa visível. O enorme bom-senso de Acácio ficava sempre recolhido nas profundidades de Acácio!"

Essa introdução, feita em forma de carta e dirigida a um Senhor Cuestas, vem assinada pelo suposto coletor da "Lira": Angelo Bittu. E seguem-se, formando o livro, os trabalhos poéticos firmados por Jorge, Conselheiro Acácio e Nêma, Quinças, Dr. Sá Herpos, Um Acadêmico, Manicoba, Pelado, Dom Ribas, Maneco Neves, Canarão, Ubaldino, Cadete, Manuel Pachola, Romero Silva, Crepe Junior e Pierrut.

Todos esse pseudônimos escondiam Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Pedro Távares. Os nomes não eram fixos e podiam, ademais, ser utilizados por qualquer dos três escritores. Essa circunstância veio criar um difícil problema de identificação literária, porquanto se tornou quase impossível determinar, com precisão, a autoria de cada trabalho reunido na "Lira Acaciana".

Quais seriam, nesse livro os versos de Olavo Bilac, de Alberto de Oliveira e de Pedro Távares? Muitos estudiosos da nossa história literária fizeram inutilmente tal pergunta, porque ninguém lhes pôde res-

(Continua na pág. 245)

Um grupo de escritores ilustres de Portugal. No centro, Antero de Quental; à esquerda dele, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro; à direita, Oliveira Martins e Eça de Queiroz

O NOTURNO DA LAPA - Ribeiro Couto

(Da Academia Brasileira)

Para saber se sou eu mesmo que habito dentro do mesmo corpo, aqui estou, a uma da madrugada, na esquina da rua Maranguape. São outras as ruas vermelhas das taboetas; o que nos dizíamos "club" há mais de vinte anos, agora se diz "dancings". Não tem, sem dúvida, aquele estilo dos Políticos, do Palácio, que davam à rua do Passelo uma fisionomia de boemia ilustre; "clubs" em que havia jogo e palco, mas onde principalmente se viam deputados benevolos, emarmados de cantoras e dançarinas que bebiam "champagne". Os cassinos das praias absorveram a clientela de luxo destes inacessíveis sítios. O que ficou foi o pessoal menor. Ainda assim, pessoal que lá naquele tempo enchia os Zuavos e o Congresso dos Tenentes, "clubs" de categoria popular.

A minha sombra de literato provinciano ainda se esgueira por aqui, após a óbvia tentativa de acertar no "bico" do azou na "pavuna" do oito. O, as antigas noites em volta das mesas de campista, enquanto o cérebro excitado removia um poema fluído, em alexandrinos melancólicos! Ainda vejo também o ar esquivo do amado companheiro, o impassível secretário de Legação, — o que uma vez embarcou para Cuba e interrompeu a viagem na Bria, desistindo de exercer funções longe deste Rio, deste mar, desta Lapa. Parece que ele ressuscitou e vai surpreender-me, perguntando, triste como antigamente: — "Como é?

Ainda tem uma nota de dez aí?" Depois, tossindo, dirá que a tosse não é nada e fará exhibição de musculatura, assumindo uma atitude de atleta na marcha enérgica. E-lo que recita um poema grego-latino, falando de certa cidade que "fica na curva azul de um golfo pensativo". Entretanto, é tempo de tomar a barca de Niterói, a barca das duas. Vou com ele, pelas ruas desertas; e quando lhe escuto uma citação erudita — um pensamento de Spinoza, — já estamos na Praça Quinze e despedimo-nos. Volta sozinho à Lapa.

Neste bairro, pode-se ficar assim, do pé, numa esquina, até horas perdidas, sem chamar a atenção de nenhum guarda-civil. Nas ruas que desembocam no Largo — a rua Joaquim Silva, a rua da Lapa, a rua Tronion Regadas, a rua Maranguape, a Avenida Mem de Sá, a rua do Passelo — sem esquecer aquela rua que vem do mar e que a gente nunca sabia que se chamava Teixeira de Freitas, há sempre sujeitos de pé; e também mulheres, mulheres que olham com olhos bistrados, que cantam com ritmos insinuantes, que tem o ar de pedir quando oferecem.

De um lado da praça, pusei uma espécie de torre de elemento armado. Monumento horrível, comemorativo do Pedreiro que Espera o Bonde. Nessa torre, há armários de propaganda e vitrinas de diferentes

artigos comerciais. Já não posso ler, como outrora, a visão do asfalto limpo e abandonado, quando o vulto de um vendedor de jornais ou de uma velha mendiga adquiria sugestões de força-forte em perspectiva.

Também não aparecem mais aqueles tipos de outro tempo: a mulher sonambula, de andar tabético, que nós pensávamos "viciada em cocaína". Igualmente faltam os mocinhos pálidos, de chapéu de veludo, com grandes olhos solitários a fulgurar.

A multidão é outra. Simão, dilectante de ambientes, não verá mais, por traz de uma veneziana da rua Joaquim Silva, aquele rosto begivo da ama em ruína: "Não me reconhece?". Só para os lados de Conde de Lage é que funcionam alguns escondidos jardins desse gênero, filiais do reservatório botânico do Mangue. Entretanto, os "dancings" contêm o mesmo recheio humano. As três da manhã, recolhidas as clarinetas, e os saxofones, descem as escadas, aos grupos de duas e três, as funcionárias do sambão, na calçada, espera-as, ambientemente, um círculo de rapazes ruidosos, que estiveram lá em cima "pagando cerveja". Mas não adianta; as funcionárias timbram, em partir saídas, coisas de manter a sua respeitabilidade nas imediações do estabelecimento.

Creio que me enganai. Não é mais da Lapa que me pode vir

aquela comoção deletosa da angústia noturna, material deendidamente trabalhado pela sensibilidade ingênua, como a tela infinita de uma aranha secreta. Se comoção tenho, é a de procurar nestas ruas, nestas calçadas, qualquer coisa que eu próprio deixei aqui nas nostalgias vagabundas sem rumo e sem consolo. Ainda vejo portas de outrora, com as mesmas portas gordurosas; ainda escuto, através da janela de um sobrado, os surdos gemidos de uma pessoa doente ou o choro de uma criança. As mesmas árvores poeirentas ainda abrem as copas imóveis e afiladas. Há sempre, como ídolos ambulantes de uma religião misteriosa, gatos vadios espiando nos portais, à espera não se sabe de que extraordinários ritos. Mas falta um elemento em mim próprio, um instinto espontâneo, um vínculo de simpatias e hábitos com as coisas de em torno.

Como o companheiro morto, os companheiros vivos também estão mortos; o violinista suíl da mão canhoto, o pintor hiperzessivo, o poeta recém-chegado do Para, o secretário de um jornal desaparecido, o esteta das mãos bem cuidadas, o adolescente orador parlamentar. Sem exceção, ficamos todos gordos, pesados, responsáveis, dispersos pelo mundo. Estamos mortos. A advocacia, o alto magistrado, a administração, os estados históricos, as missões no estrangeiro, os governos, as

carreiras aéreas acabaram com tanta vocação romântica. Quer de nos, quando pas a da impressão de um comerciante da rua 1º de Março, e na próprio, ao entrar uma vez num destes bares da Lapa, fui permoniosamente confundido pela calvice, pela rotundidade, pelos olhos) com um Ministro da Trabalho. Acabamos. De aparência prospera, alimentada, burguesa, nossa pre-nen a solita. Ninguém acreditaria que bate no mesmo peito aquele desinteressado coração dos vinte anos.

As quatro da manhã, para diante do cinema Bijú. Se de mantem com absoluta fidelidade os antigos cartazes, com títulos do Antigo Gênero. Na canto de Mem de Sá e Maranguape, as portas fechadas, os teimosos sobradinho parecem que protegem um universo precioso, defeso a quem não tenha a confiança. Aqui, no meu tempo, havia uma pianista, oca e decadente, exatamente igual à tia Biluca de um certo conto.

Amanhã, depois do jantar, virei ver "O cavaleiro do crime", drama em série. O cinema Bijú, entre tantas lembranças, é como uma fresca folha verde entre as páginas de um livro esquecido; o livro que conta madrugada se abre no meu peito, enquanto sinto no rosto o vento do mar, o vento que vem "da curva azul de um golfo pensativo".

PSEUDÔNIMOS BRASILEIROS

— José Augusto de Lima

Quem, há dias, curiosa proleção a respeito de nomes "vendáveis", ou para sermos menos rudes, de nomes fáceis de atrair a atenção e de cativar a simpatia deste estranho criador de afetos e ogrias, que se chama o subconsciente das massas. Quem falava era Peregrino Junior, não propriamente o Peregrino das coisas amáveis e onílas da vida, mas o de Peregrino Junior, médico com consultório montado e cátedra conceituada. Referia-se ele a um amigo comum, o jovem colega dr. Nader João Nader, que, com um nome sonoro e de construção altamente engenhosa, em estilo musical de "fuga", preferia, não obstante, ser clínico e oficial de Gabinete do Ilustre sr. Custavo Capanema, a abrir simplesmente um bom, ou mesmo sofrível laboratório de produtos farmacêuticos... Peregrino demonstrava, de lápis em punho, que com aquele Nader João Nader podiam ser feitas magníficas e numerosas combinações para rótulos de todas as espécies... E imaginava o título do laboratório: — "Produtos Nader S. A."... Nos Estados Unidos — acrescentava — um nome assim valeria milhões. E os derivados? "Nederina" — um produto infalível contra lombalgias; "Pastilhas Nader" — contra bronquites e tosses; "Comprimidos Nader" — para nevralgias e resfriados... E tudo isto garantido por uma cruz de quatro Naderes e um único João, central, sólido e definitivo com a fortuna feita... Era uma pena que não tivesse o rapaz o tino dos iniquos, e trocasse tudo isto por uma função honrosa mas precária.

Concordamos. Um nome, realmente, é meo caminho na conquista do destino. O escultor Celso Antônio, segundo nos afirmam, tem a respeito, estudos interessantes, com os quais pode afirmar, rápida e seguramente, se tal apelido convém a tal nome... Mas aí se trata de influências astrais, cabalísticas, coisas da idade média... O que não oferece dúvida, entretanto, é que um substantivo

personativo pode resumir passados, (refinir atavismos, projetar sucessos ou inspirar fracassos. O próprio Estado já o reconhece, proibindo, como proíbe no Brasil o registro civil de crianças com prenomes ridículos. Rodrigues Cad, que por muitos anos foi médico legalista da Polícia carioca, afirmou-nos, certa vez que a maior parte dos criminosos que o lidara, no exercício do seu longo tirocinio profissional, trazia todas as letras da origem biológica estampadas nos próprios nomes, pitorescos ou arcevesados. Eram estes uma espécie de tatuagem moral, que logo os identificava na categoria patológica correspondente. Alguns, de honesta procedência, adotavam pseudônimos, confirmando as observações do saudoso criminalista.

Os entendidos em Hollywood afirmam, por sua vez, que noventa por cento dos astros que bompejam nos cartazes cinematográficos usam personalidades postizas. A cidade do Cinema raramente lança um aos azares da fama, sem primeiro arrancar-lhe os dentes e raspar-lhe o nome. Em seguida, o profissional estuda-lhe o rosto, a maneira de sorrir, os tiques nervosos, a cor da face, o arredondado das bochechas, e dá-lhe o que a natureza não pôde dar espontaneamente: — dentes sob sob medida para a camera... Outros técnicos examinam-lhe o passado, medem-lhe o físico penetram-lhe as tendências psicológicas, as inclinações do paladar, do ofício, da visão e do tato (porque tudo isto influi), somam tudo as preferências do público e vestem-lhe a pessoa um pseudônimo, que passa a figurar nos anúncios como nome legítimo. Nem sempre, é claro, o falso parece mais bonito que o autêntico, nem os dentes do "paladão" valem mais do que os da gengiva; mas o cinema tem os seus caprichos, e no fim está sempre com a razão... Nunca sucedeu aos astros, pelo menos, o que se verificou com a conhecida artéria central do Rio de Janeiro, cujo nome se

secreta "Rua República do Porto", mas se illa — "Rua da Assembléia", segundo a explicitação de um patriota a outro recém-chegado da terra.

Os escritores brasileiros parecem que também preferem não ser... O sr. Antônio Simões dos Reis vem se incumbindo de comprová-lo, através dos verbetes que está dando à publicação em fascículos, como preparativo do seu futuro *Dicionário de Pseudônimos Brasileiros*. Só na "Cidade do Rio", o jornal de José do Patrocínio, ele recolheu 286 exemplares de pseudônimos...

No trabalho de Simões dos Reis as revelações são numerosas e interessantes. Gente grave, austera, aparentemente incapaz de um deslize, surge de repente, revelando-nos antecedentes literários nem sempre honrosos... Outras criaturas de reputação ilibada e massiva confessam que usaram máscaras em tempos que lá vão... Por vezes, sucede o contrario: — somos surpreendidos ao saber que o sr. Fulano de Tal foi registrado com o rótulo que ostenta na lombada dos seus livros e que o conhecemos e sempre o tratamos, até em missas de sétimo dia... O rubusto aí passou a ser realidade e esta o embuste. Alguns, como Paulo Barreto e Gustavo Barroso, apresentam nomes e pseudônimos equivalentes em nosso apreço; não usam disfarcas; variam de penteado. O leitor fica então pensando na razão que teria levado o escritor a adotar um apelido mentiroso, já que se não furta de ostentar a própria certidão de batismo na placa da esquina. E aí, sem o sentir, nas indagações psicológicas... Mas inutilmente, porque fica sempre sem resposta...

O interesse despertado pelo trabalho do sr. Antônio Simões dos Reis tem sido grande em nosso meio intelectual. Nossa natureza é muito "tuen inclina a investigação de arquitetura. Detestamos a arca e o pó. Por isto mesmo, quando encontramos um desses aventureiros do mistério, metido no esca-

fandro da sua paixão pelo desconhecido, a sair do caos com um punhado de coisas novas (e que são velhíssimas, no entanto) sentimos um arripio de admiração pelo herói e bate-mos-lhe palmas esportivas... Só depois, com vagar, é que passamos a considerar a sério o seu esforço e compreendemos que ele não é apenas um herói, mas, sobretudo, um abnegado, porque nos trouxe material para nós mesmos, nada reservando para si, sinão o orgulho de dar sem pedir nem esperar coisa alguma em troca... É este o caso preciso do sr. Simões dos Reis, sergipa- no que esconde sob um temperamento irrequieto e insatisfeito, uma natureza epicurista de b'bilho e um apetite monstruoso de traça. Traça que não destrói, é bom que o digamos, mas controla, que não chega, sequer, a matar a própria fome, porque prefere ir alimentando outros bichinhos que vivem, engordam e prosperam com o seu trabalho.

Os eruditos já começaram a discutir por causa dos Pseudônimos Brasileiros. Bom sinal. Em torno de um pseudônimo de Afonso Arinos, por exemplo, Joaquim Ribeiro e Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho estão divergindo. Parece ao primeiro que o Espinosa usado pelo grande escritor foi tirado do filósofo holandês Spinoza e adaptado segundo a técnica seguida muitas vezes na arte de construir pseudônimos: — Marcos Tuim, de Mark Twain, A. D'umas Figas, de A. Dumas Filho, etc. Entende, porém, o segundo, com a autoridade maior de um parentesco próximo e até da homonímia, que o Espinosa do Ilustre sertanista mineiro veio de um cartucho, Espinosa ou Espinosa, de século XVI.

Quem está com a razão é Afonso Arinos Sobrinho. Antônio Espinosa (era este o seu nome inteiro) foi, realmente, um bravo andarilho que, em março de 1551, saiu de Porto Seguro com José de Aspicuelta Navarro, caminhou trinta e léguas a procura de diamantes

e ouro, andou pelas montanhas do São Francisco, lançou-se pela Jequitinhonha, escalou a serra do Grão Mogol e superou a sua marcha em pleno norte de Minas. Legítimo campeão de Braz Cubas e D. Frei Manuel da Cruz, primeiro bapo de Mariana, que viajou de São Luiz do Maranhão, pelo interior do país, até a sede do seu auro trono, atrás do Ilacolumi.

Ora, Afonso Arinos, como se sabe, foi um apaixonado pelas viagens através dos sertões mineiros, que cruzou em todos os sentidos. Dai o seu pseudônimo, tirado, não de um filé, mas de nada representava de comum com ele, mas do arreado aventureiro, com quem tinha a afinidade da paixão sertanista e da fibra de desbravador.

Mas o sr. Simões dos Reis — e aí hesitamos em concordar com ele — inclue no seu trabalho, como pseudônimos, amples iniciais de nomes. São estes nomes supostos? Parece-nos que não. Mas o cartapulo do pesquisador não discute isto. Quem escreveu, uma vez e assinou com um pseudônimo, uma cruz, uma virgula, está para sempre no seu volumoso fichário, com folha corrida e impressões papilares. Fica o de logo com o direito assegurado à marca, embora não se possa, com garantias nem sempre positivas, O que se deu com Valentim Magalhães, por exemplo, demonstra a realidade desse direito. O "V" com que se assinava já não traduz o seu nome. Mudou-se em símbolo universal. Quer dizer Vilanova o pseudônimo atual da redação...

Nesses casos, porém, o sr. Simões dos Reis não entra. Para ele, haja, o que houver, é simplesmente, Antônio Valentim da Costa Magalhães. O resto pode ser muito bonito, mas não figura nos arquivos e coleções por ele vasculhados. Não existe, portanto... Existia, talvez, um dia, para outro bichinho da sua marca, e ele tiver um filho a quem transmita o microbio da pesquisa, ou o val envelhecendo, mas não sagrando...

Antero de Quental

14. (sem na atividade —
Tercio 2º volume).

(continuação da pág. 241)

Porque é possível que, neste mundo onde há lugar para tudo, haja alguém capaz de desespero idêntico para as idêntificações da "Lira Acacia"?

ACHADO N: 6

Para a cidade de Belem teve palavras de franco elogio, e disse que jamais esqueceria os dias ali passados. Em seu conceito a capital do Pará estava destinada a ser um grande emporio commercial. "et je crois que l'Européen qui vient en Amérique chercher fortune, doit y trouver plus qu'ailleurs d'y exercer son industrie".

1 DE MAIO
1826 — Nascimento, no Ceará, de José de Alencar.
1837 — Nascimento, em São Paulo, de Homem de Melo.
1864 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Miguel Couto.
1868 — Nascimento, em Minas Gerais, de Afonso Arinos.
1924 — Sessão pública em homenagem a Vicente de Carvalho, falando Amadeu Amaral, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Humberto de Campos, Osório Duque Estrada e Goulart de Andrade.
1925 — Sessão pública comemorativa do centenario de José de Alencar, falando os sr.s Ademar Tavares, que leu a conferencia do senhor Gustavo Barroso, e Fernando Macalães, que leu a conferencia do sr. Afrânio Peixoto.

2 DE MAIO
1884 — Palecimento, em Lisboa, de Adelino Fontoura.

3 DE MAIO
1660 — Nascimento, em Salv-

1705 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Antônio José da Silva, "o Judeu".

1920 — Recreio solene da Habermia de Campos, que foi sandado por Luiz Murat.

A VIAGEM SEM FADIGA

Quando partimos no verbor dos anos...

Os desenganos é que na frente
E as esperanças vão ficando atrás.

Não, não há a melancolia da velhice. O que entristece é a falta de tempo para fazer o que se quer. O tempo é comprado por um sobrite barato, no fim do mês, às sextas-feiras da tarde. O resto é "week-end". A noite, uma coleção de miniaturas. Sim, uma coleção de miniaturas. Pintadas. Ou esculpidas. Se eu soubesse pintar, faria as minhas anilhas e os meus anéis com Oselle Gasparoni fol jantando, sobre marfim, emolduradas que parecem halos, princesas, artizes, filósofos, poetas. Como só sei, um pouco, escrever, guardo em palavras as coisas que passaram pelo meu sentimento e pela minha fantasia.

VENUS CALPIGIA

SA ILHA

Que grande interprete de instintos! Sempre desprezado e exaltado na aparência, na realidade cético, atirou aos companheiros de futuro um humorismo cômico e repugnante, com

BELEZA
Não, ela não se define. Não é o corpo. Não é o espírito. É um sentimento do corpo. É uma imagem do espírito. Está no desejo. Está na renúncia. Música nos olhos. Palavra que se aperta nas mãos.

A VELHA COMPANHEIRA

O pintor Segal viu .. lua e disse:
— Lá está ela, sempre a mesma!..

CONFISSAO

Eu não tenho vergonha de ser romântico. Eu tenho é pena de ser gordo.

JOSE DO PATROCINIO FILHO

Sobretudo era um grande ator. Um grande ator brasileiro. Nunca sabia o papel. Andava sempre improvisando. Em vários pontos que leve punham as mãos na cabeça, desanimados de soprar o texto certo. Sorria desses funcionários da sombra. Criava. Surpreza. Balbúrdia. Os espetadores ficavam tontos, delirantes, não compreendiam. Não compreendiam que era José do Patrocínio Filho que estava assistindo, e eram eles que estavam representando. A morte apañou-o com covardia. Se não fosse por uma doença que o estorceu todo não vê que a morte levava aquele homem mais fino do que um lápis, mais rápido do que uma alegria! A morte chegava. José lhe oferecia um elgarro da caixa que lhe tinha mandado o Príncipe de Gales, um licor, presente da Rainha da România, principiava a conversar, de piteira na boca, os braços magríssimos acobardando no ar as histórias esparramadas... Enganava a morte como enganava a vida. A vida queria que ele fosse um homem mau. Ele foi um dos melhores homens deste mundo. Tranquilamente. O varabundo José

A MORTE CONSERVA

Um amigo que morre é um amigo que nunca se perde... A vida é uma despedida...

TRISTEZA

Sim, tristeza é isso: um velho diante de uma loja de brinquedos...

A DESCONHECIDA

CASSIANO RICARDO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

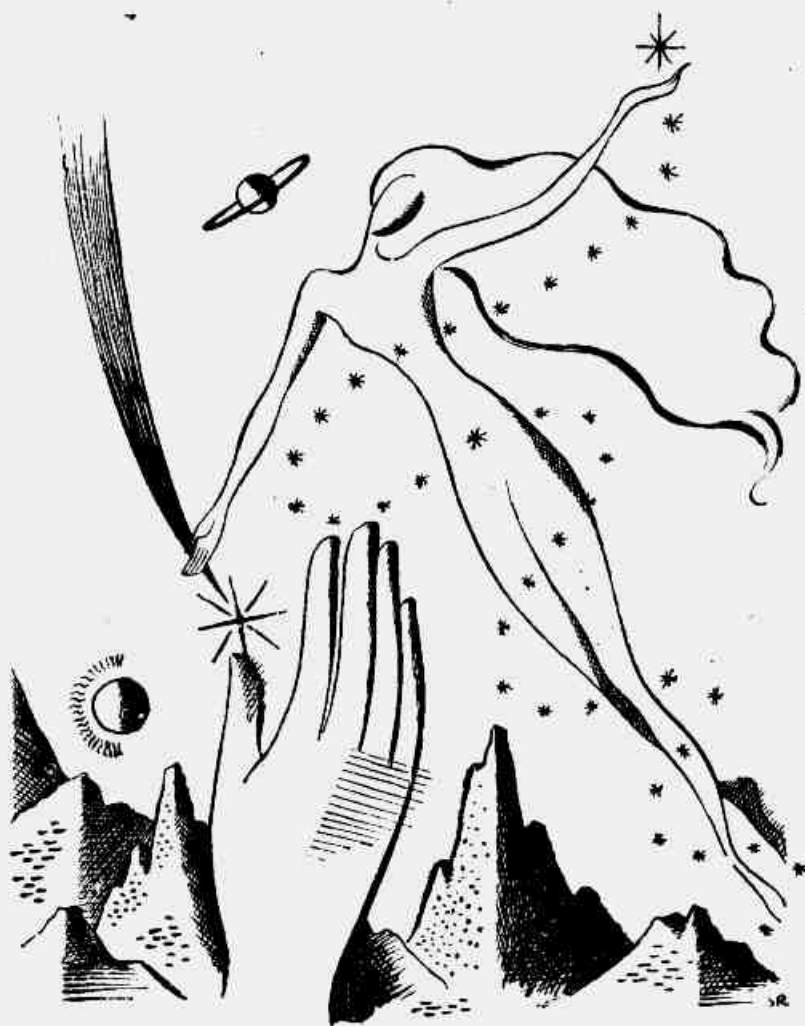


Ilustração de SANTA ROSA

Veio trazida pela violência das horas
como uma pétala no dorso de um rio ...

Veio de longe. Veio dos mais profundos mistérios raciais.
Do labirinto de mil e uma noites e alvoradas.

Brincou com a vida, como uma criança
que brinca com a morte sem anjo da guarda.
E atravessou os terremotos mais remotos,
as multidões mais ululantes e coloridas,
sem se perder depois nem antes de outras vidas,
desconhecida, mas absolutamente inconfundível
como uma lágrima pelo fundo de um oceano ...

Veio do escuro onde as origens não encontram origem
com uma lanterna na mão caminhando no subterrâneo das coisas
futuras ...

Até que, certo dia ...
— por que Deus permitiu esse dia ?